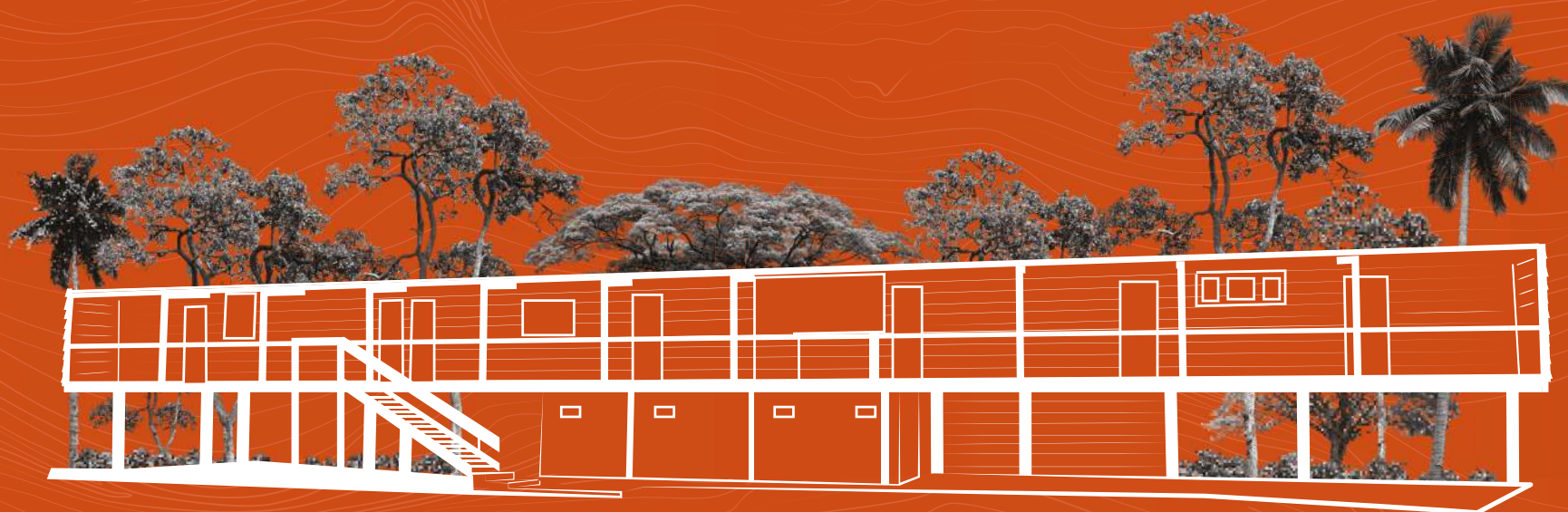


# CATETINHO

A FLAMA INSPIRADORA



POR ARTANI GRANGEIRO DA SILVA PEDROSA



# CATETINHO

A FLAMA INSPIRADORA

**PRO  
MEP**

# Ficha Catalográfica

---

P372c Pedrosa, Artani Grangeiro da Silva

Catetinho: a flama inspiradora/Artani Grangeiro da Silva Pedrosa – Goiás:[s.n], 2023.

108 p. il. ; 20 cm.

ISBN: 978-65-00-87631-4

Obra publicada como produto educacional, produzido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio - PROMEP como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Universidade Estadual de Goiás - UEG, Goiás, 2023.

“Orientação: Prof. Dr. Neemias Oliveira da Silva”

1. Catetinho - História 2. Brasília - Construção. 3 Livro Catálogo - Exposição Museu.

I. Título.

---

Bibliotecário responsável: Lourenildo Targino Pedrosa CRB 1/2264



# Ficha Técnica

## Pesquisa e elaboração de texto

Artani Grangeiro da Silva Pedrosa

## Orientação

Prof. Dr. Neemias Oliveira da Silva

## Diagramação e Projeto Gráfico

Aleff Paiva

## Capa

Aleff Paiva

## Apoio institucional

Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina. Sede: Goiás/GO. Programa de Mestrado

Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP).

## Componentes Curriculares

Interdisciplinar

# Ficha Técnica da Exposição “Catetinho, a flama inspiradora”

## Pesquisa, elaboração de texto e projeto curatorial

Artani Grangeiro da Silva Pedrosa

## Contribuição no painel “Cozinha de Dona Dolores”

Ramon Ribeiro Barroncas

## Revisão de texto

Aquiles Ratti Brayner

## Diagramação

Daniel Carvalho Marques


## Impressão dos painéis expositivos e fichas

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito

Federal (SECEC/DF)



*Àqueles que são o meu alicerce:  
ao meu amado esposo Lourenildo  
e aos nossos filhos, Miguel e Danilo.*



*"[Catetinho] constituiu, pois, um símbolo. Foi ele a flama inspiradora que me ajudou a levar à frente, arrostando o pessimismo, a descrença e a oposição de milhões de pessoas, a ideia de transferência do governo. Vi que, se um grupo de amigos fora capaz de erigir, sem qualquer auxílio oficial e levado pelo idealismo, aquele Palácio de tábuas em dez dias, o que eu não poderia fazer então, sendo o presidente da República (...)*

**Juscelino Kubitschek de Oliveira**

# SUMÁRIO

**Prólogo** Página 14

**Prefácio** Página 16

**1** Transferência da Capital  
no período republicano  
**Página 18**

**2** JK dá seu aval para o Núcleo  
Pioneiro da Nova Capital  
**Página 28**

**3** Uma casa para  
o presidente  
**Página 34**

**4** Construção da segunda  
edificação, o Catetão  
**Página 48**

**5** Espaços de convívio  
e repouso  
**Página 52**

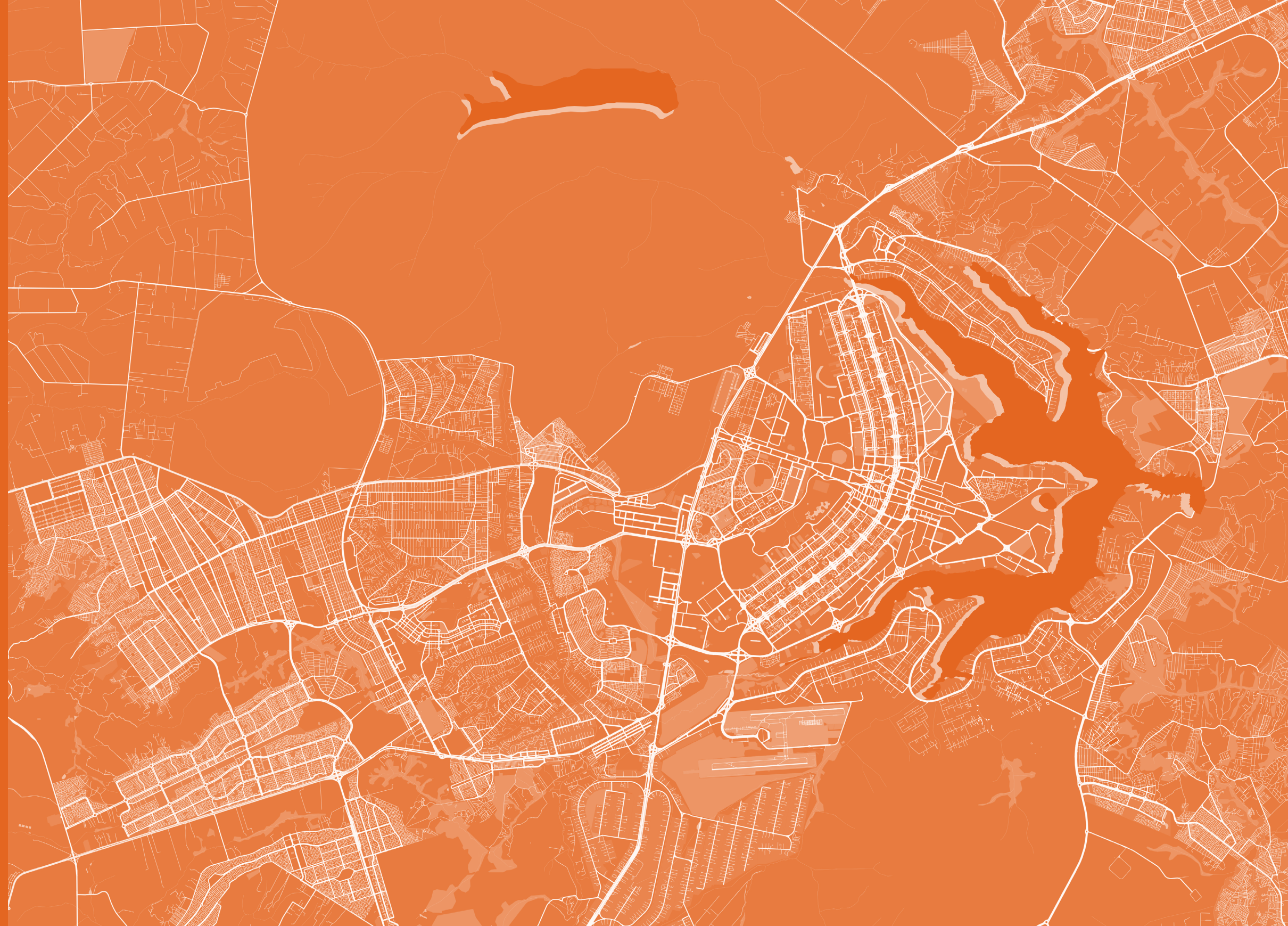
**6** Entre Acordes e Arquitetura:  
A Sintonia Cultural do Catetinho  
**Página 72**

**7** Do Palácio de Tábuas para  
a Inauguração Triunfal  
**Página 84**

**8** De provisório a Patrimônio  
Histórico Nacional  
**Página 88**

**Pessoas citadas nesta obra** Página 92

**Referências** Página 100



## PRÓLOGO

A concepção inicial deste livro surge durante o período em que estive diretamente envolvida com o público do Museu do Catetinho. As interações diárias, as histórias e uma infinidade de relatos despertaram o lado pesquisadora dentro de mim, uma pessoa apaixonada por Brasília. Durante meses, mergulhei na busca por informações em arquivos, bibliotecas e, principalmente, na hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e que ganhou metas quando ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina Goiás/GO.

Tudo isso foi necessário para criar a exposição intitulada 'Flama Inspiradora', com o propósito de enriquecer as narrativas em torno do Núcleo Pioneiro Catetinho. "Flama" frequentemente é usado como sinônimo de "chama" ou "fogo". O termo "inspiradora" sugere algo que é capaz de gerar inspiração ou motivar. Portanto, uma "flama inspiradora" poderia ser uma imagem metafórica de algo que incendeia paixões, motivações ou criatividade nas pessoas. O Cateti-

nho, nas palavras de JK, seria capaz de instigar sentimentos de inspiração e entusiasmo à nação brasileira que esperava a Nova Capital, Brasília.

O material que você tem em mãos representa o resultado concreto desta jornada pessoal e profissional, uma parcela do conhecimento que condensei ao longo desse processo e um esforço para contribuir com uma compreensão mais ampla e diversificada do núcleo pioneiro de Brasília.

Constitui uma maneira de retribuir a todas as pessoas que foram minha inspiração para escrever, especialmente aos professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Ensino Fundamental II (EF II), que estavam em busca de recursos para enriquecer suas aulas. Entrego este produto como um tributo às trocas enriquecedoras com pesquisadores e equipe de trabalho - servidores, estagiários, vigilantes e serventes da manutenção do museu.

"O Presidente Juscelino Kubitschek desceu de seu helicóptero, no pátio do Catetinho, para encontrar-se com os alunos da Escola-Classe do IAPB. A direção daquela escola, [...] organizou uma excursão à primeira residência presidencial do Planalto" (JK [...], 1960a).

A excursão foi organizada para comemorar o Dia das Crianças. A diretora era Alita Vieira. A Escola Classe do IAPB, inaugurada em 15 de maio de 1960, posteriormente foi nomeada como Centro de Ensino Fundamental 03 (Fonte: Museu da Educação do DF).

Alunos da Escola Classe do IAPB encontrando o Presidente Juscelino Kubitschek no Catetinho. 13 Out. 1960. Fonte: ArPDF



## PREFÁCIO

Juscelino Kubitschek de Oliveira, conhecido como JK, assumiu a presidência em 31 de janeiro de 1956, impulsionado pela decisão política de erguer Brasília e transferir a capital para o Planalto Central. O primeiro núcleo dessa empreitada foi estabelecido em 02 de outubro de 1956, visando ser um local de apoio para o presidente e a diretoria da Novacap. Nesse espaço, foi construída a Residência Presidencial I (RP-1), uma estrutura de madeira projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, cuja execução foi conduzida pelo engenheiro Roberto Magalhães Penna. Essa edificação, batizada de “Catetinho” pelo músico Dilermando Reis em alusão ao Palácio do Catete no Rio de Janeiro, serviu tanto JK quanto seus convidados durante as visitas ao canteiro de obras da Nova Capital.

Em junho de 1958, com a inauguração do Palácio da Alvorada, o Catetinho perdeu sua função original. Um ano depois, foi tombado pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), precursor do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), adquirindo o status de Patrimônio Histórico Nacional.

O Museu do Catetinho é um equipamento cultural público e que desde 2000 pertence à Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. A coleção que deu origem ao Museu do Catetinho é composta por objetos que faziam parte do núcleo residencial presidencial provisório RP-1 e RP-2 no Planalto Central (1956-1958), tais como os móveis da sala de despachos e a cama do aposento presidencial. Ao longo das décadas, foram incorporados ao acervo itens de época para compor o museu-casa, além de ter sido reconstituído cenograficamente o ambiente da cozinha, incluindo alimentos artificiais como pães, queijos, bolos, linguiças e outros, bem como réplicas de produtos e objetos da década de 60.

Este livro-catálogo tem como objetivo apresentar, por meio da narrativa da exposição “Catetinho: A Flama Inspiradora”, inaugurada em abril de 2022, diversas histórias do núcleo pioneiro de Brasília. Narrativas predominantes de que o planalto era um deserto interminável perdem força quando nos deparamos com o Mapa do Novo Distrito Federal - 1958, evidenciando fazendas, riachos, casas e uma rica vida cultural, incluindo a centenária comunidade tradicional do Quilombo do Mesquita.

Personagens antes negligenciados ganham visibilidade nas salas expositivas do Museu do Catetinho, destacando figuras como Mercedes Ribas Parada, responsável pelo desenho do mapa mencionado, e Dolores Teotônia, a cozinheira que cativava Juscelino Kubitschek e seus convidados com iguarias mineiras, incluindo o famoso frango com quiabo. Membros da comunidade quilombola, como Sinfrônio Lisboa da Costa, que desempenharam um papel na construção do Catetinho, também são celebrados.

Espero que você desfrute da leitura sobre o Catetinho, um acolhedor Palácio de Tábuas!

## TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL NO PERÍODO REPUBLICANO

Em 15 de novembro de 1889 com a chegada da República, o projeto de mudança da capital brasileira ganha uma nova força. Na Constituição de 1891 determina-se em seu artigo 3º - Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal (VIDAL, 2009).

*“Encontrei, velha de 167 anos, a idéia (sic) de transferir para o centro a capital do Brasil. E encontrei todos prontos os estudos preliminares. Até a localização definitiva”*

Juscelino Kubitschek de Oliveira

# Cronologia sobre os acontecimentos que precederam a construção da capital federal antes da República:

Trabalhadores nas obras do palácio do Congresso Nacional em fase de concretagem c. 1959. Marcel Gautherot/ Acervo IMS

O Brasil passou a ter nova capital: o Rio de Janeiro (RJ), que sucedeu Salvador (BA).

**1763**

Parlamentares apresentaram projetos ao Senado defendendo a mudança da capital.

**1852/1853**

**1750**

O cartógrafo genovês Francisco Tossi Colombina elaborou a chamada Carta de Goiás, sugerindo a mudança da capital do Brasil para essa região. Registros históricos atribuídos ao Marquês de Pombal, segundo os quais o estadista português defendia a mudança da sede do governo para o vale do Amazonas.

**1810**

Já existia a proposta de fixar a sede do governo no interior do país, longe dos portos, por questões estratégicas de segurança, o que dificultaria ataques de conquistadores.

**1823**

Ano da Constituinte do Império, quando José Bonifácio apresentou projeto para mudar a capital do país, sugerindo o nome "Brasília" para a nova cidade.

**1877**

Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro fez a primeira viagem ao Planalto Central para localizar a futura capital, sugeriria o nome de Imperatária para a nova capital, que seria a sede do Império. (Agência Senado - <https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not02.asp>)



Em 1892, o presidente Marechal Floriano Peixoto instituiu a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, conhecida como Missão Cruls, para selecionar o local adequado para a futura capital do país. O grupo foi dividido em dois, o chefe Luís Cruls seguiu com o primeiro rumo à cidade de Formosa, via Serra do Urbano ou das Divisões, saída ao Norte pelos divisores de água. O outro, chefiado pelo astrônomo Henrique Morize, também com destino a Formosa, seguiu pelo Sul, via Corumbá, Santa Luzia e Mestre d'Armas. Esta comissão delimitou a área que ficou conhecida como Quadrilátero Cruls.

A Missão Cruls atuou de 1892 a 1895 sob o comando de Luis Cruls. Entre 1922 e 1924, uma segunda Comissão Cruls, chefiada pelo francês Auguste Glaziou realizou estudos detalhados sobre a região do Planalto Central, trabalho fundamental para a escolha do local onde seria edificada a capital federal do Brasil.

E o que tinha na região...

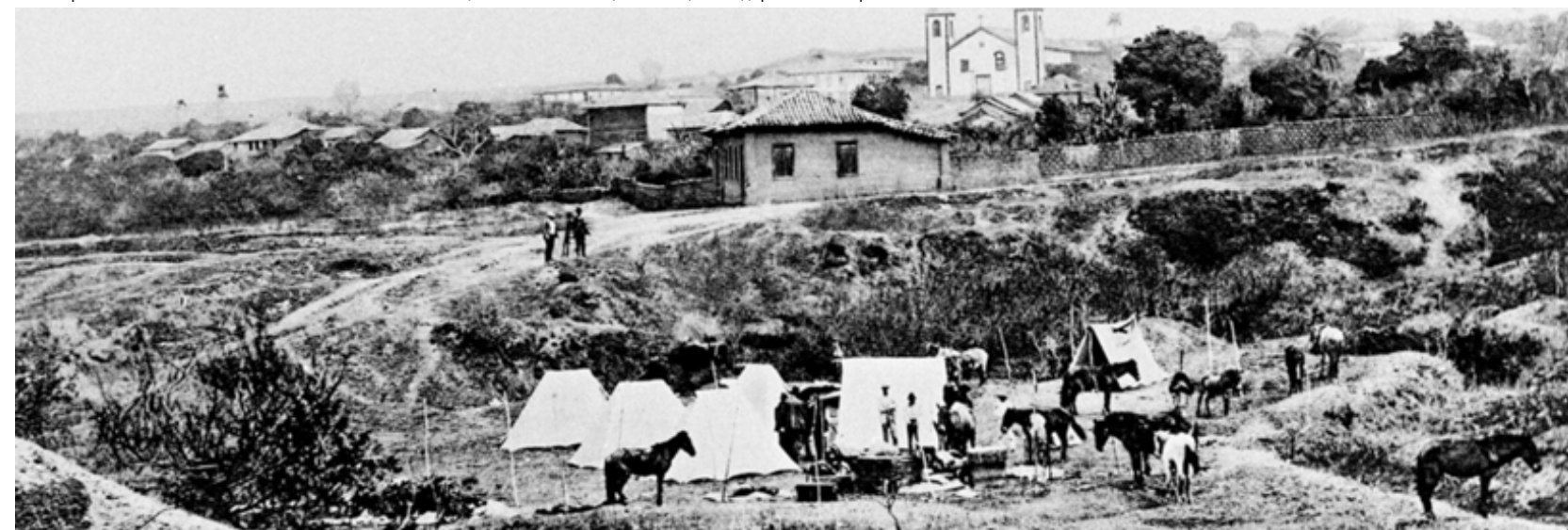
O Quadrilátero Cruls abarcava terras provenientes de três municípios no Estado de Goiás: Formosa, Planaltina e Luziânia. Esse espaço era composto por fazendas centenárias e abrangia dois núcleos urbanos. Um deles era Planaltina, estabelecido em 1859 como parte do município de Planaltina, e o outro, fundado em 1933 como um distrito de Luziânia, era Brazlândia.

No limite sul do Quadrilátero Cruls (eu diria uma parte dentro dele e não reconhecida) está o território de uma comunidade tradicional, o **Quilombo Mesquita**. O lugar muito tempo chamado de Arraiá Mesquita ou dos Pretos, tem sua trajetória intimamente ligada à Vila de Santa Luzia, atual cidade de Luziânia/GO, fundada em 1746 pelo bandeirante Antônio Bueno de Azevedo, enquanto explorava a região em busca de ouro. Durante os três primeiros anos de Santa Luzia, no auge da febre aurífera, recebeu migrantes portugueses e de várias regiões do Brasil.

Passado o apogeu, muitos migraram novamente, e damos destaque ao sargento-mor José Correa de Mesquita - que deixou seu nome ao ribeirão, à fazenda e ao arraial Mesquita (Bertran, 2011) cujas terras abandonadas foram ocupadas por uma comunidade negra rural (Braga; Martins, 2011). Mas a tradição oral, traz uma versão diferente: três mulheres escravizadas: Maria Abadia, Maria Pereira Dutra e Martinha Pereira Braga, herdaram as terras de uma das fazendas da família portuguesa Mesquita (Neres, 2016).

Após várias deliberações por comissões, no ano de 1955, a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, presidida pelo Marechal José Pessoa, emitiu o Decreto n. J.80 em 30 de abril de 1955. Esse decreto declarava a área destinada à localização do novo Distrito Federal como de necessidade, utilidade pública e conveniência para o interesse social. Isso tinha o propósito de preparar para futuras desapropriações. Em 9 de dezembro do mesmo ano, a Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, sob a presidência de Altamiro de Moura Pacheco, deu início às desapropriações amigáveis das terras compreendidas na área selecionada.

Acampamento da Missão Cruls em Santa Luzia, atual Luziânia, Goiás (1892), por Henrique Morize. Fonte: ArPDF





Mapa do Novo Distrito Federal Planta Índice Cadastral. Fonte: ArPDF

A Elaboração cartográfica de Joffre Mozart Parada e Janusz Gerulewicz é o primeiro mapa do Distrito Federal.

Os limites das fazendas foram construídos a partir das referências indicadas pelos proprietários goianos em suas paróquias, por ocasião do chamamento do governo imperial, na implementação das exigências da Lei de Terras, durante a década de 1850. A visão do território do novo Distrito Federal representado era a de meados do século XIX, e não daquele período 1955/1958 (Silva, 2016, p. 82).

O mapa foi elaborado a partir de folhas cartográficas na escala 1:100.000 [...] confeccionadas pela Seção de Aerofotogrametria do Departamento de Estradas de Rodagem de Goiás e de fotografias aéreas, na escala aproximada de 1:25.000, cobrindo toda a área do novo Distrito Federal, produzidas pela Geofoto S.A, do Rio de Janeiro, a mando da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil. O nome da Fazenda Mesquita aparece bem no limite, assim como a menção ao rio, que é chamado de Ribeirão dos Mesquita.

Registro invisível da presença feminina na transferência e construção da nova Capital. Mercedes Ribas Parada foi a responsável por desenhar e pintar as cores que representam as linhas divisórias das fazendas do referido mapa. A goiana orientada pelo marido delimitou tamanho e local de cada uma das 102 fazendas que deram origem ao Distrito Federal (Silva, 2016).

A história foi registrada em entrevista para o filme *Poeira e Batom no Planalto*, Documentário de Tânia Fontenele Mourão, Tania Quaresma e Mônica Gaspar, lançado em 2010, que conta a construção da cidade de Brasília e a transferência da capital a região central do Brasil, contada mulheres que fizeram parte desta história.. Posicione seu celular no QR Code ao lado ou clique aqui para conferir.



A ideia de um núcleo pioneiro antecedeu o governo JK. Em setembro de 1955 a Comissão de Localização da Nova Capital Federal sugere:

*“Construção de um alojamento rústico (do tipo lá existente) com 4 quartos, 1 salão, cozinha, banheiro e sanitários, instalações de água e luz (fornecida por um pequeno grupo gerador a gasolina ou óleo). Esse (sic) alojamento deverá ficar dentro da área, próximo a um córrego ou nascente, e servirá para alojar os membros da Comissão, os urbanistas, técnicos, engenheiros, etc., nas suas frequentes viagens ao local da cidade”* (Albuquerque, 1955, p. 25).

E o local, antecede a visita de JK...

Em 14 de junho de 1956, o senador Jerônimo Coimbra Bueno, que era líder no Congresso Nacional do movimento mudancista, apresenta Documento técnico acerca da construção da nova capital, em que consta a localização do núcleo pioneiro na Fazenda Gama (Abreu, 1956).

Em 25 de julho de 1956, portanto quase três meses antes da primeira visita de JK ao terreno, foi veiculado que já estava em construção o Núcleo Presidencial, na área da Fazenda Gama, conforme sugerido no Relatório do Governo de Goiás, e que contava até com uma pista de pouso que atingia mil e quinhentos metros (Em construção [...], 1956).

Lista das fazendas desapropriadas e no sítio da Fazenda Gama, o Núcleo (Abreu, 1956)

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

**No Sítio da Fazenda Gama o “Núcleo...”**

**(Conclusão)**  
TERRAS ADQUIRIDAS  
Mais adiante informa o sr. Altamiro de Moura Pacheco que a Comissão de Cooperação Para Mudança da Capital Federal já adquiriu 15.867.69 alqueires, numa base que varia entre 800 a 900 cruzeiros por alqueire geométrico. E acrescenta:  
«Expostos, resumidamente,

1. FAZENDA «BANANAL» (parte), compreendendo o Sítio da Nova Capital, escritura pública de 30 de dezembro de 1955 — 4.750 alqueires  
2. FAZENDA «GUARIRO-BA», (várias glebas), escritura pública de 19 de maio de 1956 — 1.632,5 alqueires  
3. FAZENDA «GUARIRO-BA» (uma gleba), escritura pública de 21 de maio de 1956 — 215,58 alqueires  
4. FAZENDA «GUARIRO-BA» (uma gleba), escritura pública de 21 de maio de 1956 — 196,50 alqueires  
5. FAZENDA «GUARIRO-BA» (uma gleba), escritura pública de 21 de maio de 1956 — 281,61 alqueires  
6. FAZENDA «GAMA» ou «RIACHO FUNDO» (parte), escritura pública de 21 de maio de 1956 — 826,00 alqueires  
7. FAZENDA «BANANAL» (parte restante), escritura pública de 25 de maio de 1956 — 860 alqueires  
8. FAZENDA «VICENTE PERES», «TAGUATINGA», e «TAMANDUÁ», escritura pública de compromisso de compra e venda de 26 de maio de 1956 — 3.564,00 alqueires  
9. FAZENDA «GAMA», escritura pública de compromisso de compra e venda de 7-6-1956 — 3.540,00 alqueires  
Pelas propriedades acima mencionadas a preços que variam entre Cr\$ 800,00 e Cr\$ 900,00, por alqueire geométrico, já efetuamos pagamentos num total de Cr\$ 9.933.153,00, que, adicionados à importância de Cr\$ 2.841.000,00 correspondente às obrigações assumidas nas escrituras de compromisso de compra e venda referidas nos itens 8 e 9, perfazem Cr\$ 12.774.153,00, isto é, Cr\$ 774.753,00 além da verba de Cr\$ 12.000.000,00 entregues ao Governo do Estado pelo da União e depositados na conta desta Comissão, no Banco do Estado de Goiás S. A.

Dêsse modo, esgotados, praticamente, os nossos recursos, eis que o saldo existente é inferior aos valores das prestações referidas nas escrituras de compromisso de compra e venda (itens 8 e 9), estamos dedicando os nossos esforços aos trabalhos paralelos de construções de campos de pouso para aviões e de estradas de rodagem, na região, enquanto vamos completando, no mapa do Novo Distrito Federal, pelos documentos existentes nos Cartórios de Luziânia, Planaltina e Formosa (autos de divisão e registros imobiliários), a localização e definição das propriedades rurais existentes. Finalizando, cumprimos um dever de consciência enaltecedo a eficiente colaboração dos nossos auxiliares, na tarefa patriótica em que se empregam, a título inteiramente gratuito, e das populações locais, que tudo fazem para nos cercar da maior consideração.

**Operária e Revistas**  
**OPERA'RIA**  
Luiz Gomes  
ral, que está recebendo as es de revistas e jornais, o de capa sem nenhum au  
melhor servir seus fre- de selecionados garotos tos à domicilio.  
Operária — Campinas

**de Análises**  
**as Clínicas**  
ERGICOS — DESENSIBIL- ES DE HANSEL.  
Sifilia — Diabetes — Anemias, coce da Gravidez  
Trina — Provas Funcionais.  
LE SOUZA AGUIAR — LA. 115 — Telefone 10-99.



## JK DÁ SEU AVAL PARA O NÚCLEO PIONEIRO DA NOVA CAPITAL

Em 2 de outubro de 1956, Juscelino Kubitschek realizou a sua primeira visita ao Planalto Central. Desembarcou no “Aeroporto Vera Cruz” que possuía uma pista de terra batida com um comprimento de 2,7 mil metros, e uma estação de passageiros improvisada, construída em um barracão de pau-a-pique coberto com folhas de buriti. A pista havia sido inaugurada no ano anterior, em 1955, pelo então vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, a pedido do Marechal José Pessoa, que também sugeriu o nome Vera Cruz. Pessoa nutria a expectativa de atribuir esse mesmo nome à futura capital federal.

Acompanhado por José Ludovico de Almeida, o Governador de Goiás, e Altamiro de Moura Pacheco, Juscelino sobrevoou a região em um pequeno avião durante essa visita, e depois foi conduzido à sede da fazenda Gama, o local previsto para ser o núcleo pioneiro, para dar sua aprovação. Foi recebido pelo caseiro da fazenda Sebastião e sua família.

Escultura JK.  
Fonte: Acervo Museu do Catetinho

José Ludovico de Almeida, o Governador de Goiás recebe o presidente Juscelino Kubitschek. 02 out. 1956. Fonte: Arquivo Nacional.



A irmã de Sebastião, o caseiro da fazenda Gama, era ainda uma adolescente, então com 16 anos, e serviu um cafezinho para o Presidente JK e sua comitiva.

**A adolescente que lhe serviu café havia morado seis anos em Copacabana, no Rio de Janeiro, na casa de uma família de classe média. Fazia menos de seis meses que Zenaide estava de volta ao Planalto Central. Isso explica as sobancelhas finas, feitas à gilete, o penteado e o vestido de seda. “Eles me vestiam com os melhores tecidos, linho, seda, cambraia. Quando voltei pra roça, eu não tinha reserva de roupa. Não tinha pra onde ir. Então, usava todas elas em casa” Zenaide (Quando, 2010).**

Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou **clique aqui** e confira o vídeo **O Café da Zenaide**, disponível no canal **Histórias de Brasília**, na plataforma de vídeos **Youtube**.

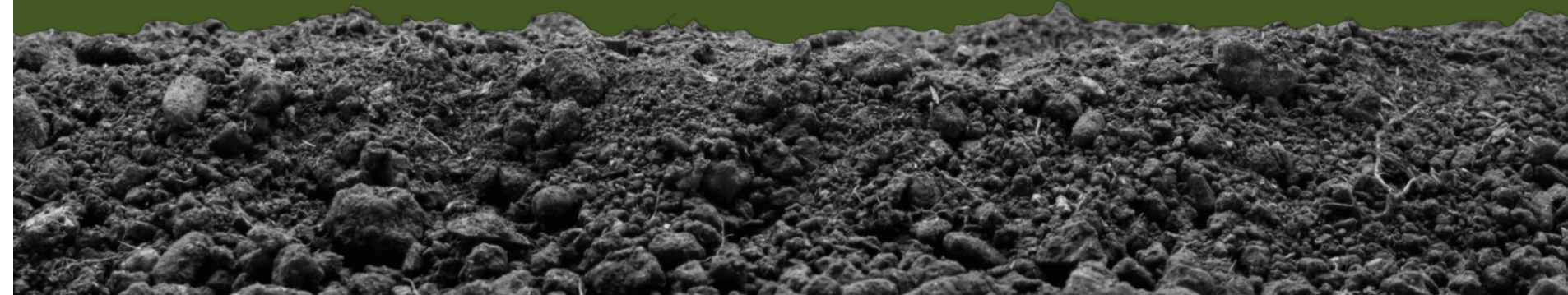


Juscelino em frente à casa sede da fazenda Gama  
Fonte: Arquivo Nacional



Campos com exemplares de piteiras, comumente chamada de agave são sinais de assentamento humano. Sítios históricos correspondentes a antigas fazendas (coloniais e pós-coloniais) apresentam um fito-indicador bastante precioso que é a piteira [...] a qual associada a valetas largas e profundas, indica a existência, no passado, de cercas de contenção do gado. Fala do Dr. Eurico Miller (Bertran, 2011).

Fazenda Gama, campo com exemplares de piteiras. 1956. Fonte: ArPDF



“Em plena floresta, à sombra de árvores seculares, borbulhavam vários olhos d’água de puríssima qualidade, tendo sido já feitas as necessárias análises”

Juscelino aprovou o local, além do ponto de apoio para mantimentos, poderiam aproveitar os recursos infraestruturais da Fazenda Gama. O sítio estaria localizado perto do canteiro de obras, mas suficientemente distante para evitar qualquer interferência na concepção urbana da futura capital, que ainda não havia sido selecionada naquela época (IPHAN, 2017).

**A casa que funcionava como sede da fazenda Gama foi preservada e está amparada por tombamento pelo Decreto Distrital nº 26.660, de 21/03/2006. Considerada um exemplar da arquitetura vernácula referente aos séculos XVIII e XIX, com traços arquitetônicos do período colonial brasileiro, estrutura em madeira, vedações em adobe, telhado em telhas de barro estilo francesa, portas e janelas de madeira. A casa é de propriedade do Brasília Country Club – Brasília/DF, e em dezembro de 2019, a pedido da então gerente do Museu do Catetinho (Artani Pedrosa - servidora SECEC) foi assinado um termo de cessão de passagem entre a Administração do Park Way e o Brasília Country Club, permitindo à comunidade circular de forma integrada pelo território do antigo núcleo pioneiro. O Museu do Catetinho fica a 460 metros a oeste.**

O Catetinho surge antes do resultado do “Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil”. O edital foi lançado no Diário Oficial da União, em 30 de setembro de 1956, e o resultado saiu em 15 de março de 1957. Em primeiro lugar estava o projeto apresentado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa.



## UMA CASA PARA O PRESIDENTE

A ideia de como seria o núcleo pioneiro deu-se imediatamente após a aprovação de JK. Oscar Niemeyer fez o esboço do desenho da edificação (Moreira, 1980) e alguns amigos se reuniram no Juca's Bar, localizado no Rio de Janeiro para estabelecer os detalhes. César Prates ficou com a responsabilidade do empréstimo no banco em Belo Horizonte/MG, e Roberto Pena ficou encarregado de organizar os materiais e a mão de obra junto à empresa pública de mineração Fertisa SA em Araxá/MG (Prates, 1983).

**Amigos do Presidente Juscelino Kubitschek cotizando-se e recorrendo a empréstimo em Belo Horizonte, reúnem a soma de Cr\$500.000,00 que empregam na construção de uma residência provisória na área de Brasília, para hospedagem do Chefe da Nação. O arquiteto Oscar Niemeyer elabora um projeto para a casa, edificação simples a ser realizada em termos econômicos e com a maior rapidez - Diário de Brasília, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1956 (Silva, 2006, p. 178).**

**Valor do Empréstimo: 500 mil cruzeiros, o equivalente a 181 mil reais nos dias de hoje.**



No dia 18 de outubro de 1956, a construção do Palácio de Tábuas começou a ser acelerada. Roberto Pena, que era funcionário da Fertisa, entrou em contato com o diretor da empresa, Bretas Bhering, para pedir emprestadas algumas máquinas, incluindo uma Patrol Caterpillar, um grupo motor-gerador de 75 HP e um jipe. O material de construção foi adquirido nas praças do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No dia seguinte, vinte pessoas saíram da sede da Fertisa em Araxá em caminhões, e no dia posterior, seguiram mais seis funcionários e o engenheiro Roberto Pena em duas camionetes e um jipe, em direção a Santa Luzia, transportando a Patrol Caterpillar, o motor-gerador e equipamento para montagem. Em 23 de outubro, os trabalhadores vindos de Minas Gerais encontraram-se com Bernardo Sayão em Luziânia e seguiram juntos em um grande comboio em direção ao local onde seria construída Brasília. Superaram o desafio do chapadão e começaram a preparar o terreno para a construção pioneira em uma clareira próxima à Fazenda Gama (Kubitschek, 1975).

Chegada de funcionários da Fertisa na fazenda Gama. Fonte: ArPDF

Juscelino Kubitschek e o arquiteto Oscar Niemeyer no Catetinho. Fonte: Arquivo Nacional

# Equipamentos da FERTISA

## Veículos

2 Caminhões NASH  
Ano: 1954

1 Jipe WILLYS  
Ano: 1954

1 Caminhão CITRÖEN  
Ano: 1951

1 Caminhão FORD F-350  
Ano: 1955

1 Caminhonete DODGE  
Ano: 1953

1 Caminhonete CHEVROLET  
Ano: 1954

## Máquinas

1 Trator CATERPILLAR  
Tipo: D-7

1 Patrol motoniveladora CATERPILLAR  
Tipo: 12

1 Betoneira RICHIER  
Tipo: Francesa

1 Aparelho de solda MACAN  
Tipo: Oxigênio

1 Uma máquina de escrever REMINGTON RAND  
Tipo: Manual

Sequência Limpeza do terreno para construção do núcleo pioneiro, na Fazenda Gama. Fonte: ArPDF



A atividade incomum de aviões, caminhões, tratores e jipes intrigaram a comunidade do **Quilombo Mesquita**. Alguns homens caminharam por 30 km através da densa vegetação de cerrado e alcançaram uma clareira recém-aberta por um pequeno grupo de homens, eram os operários da Fertisa. Uniram-se a eles para a construção da habitação de madeira elevada em pilotis (Freitas, 2019).



**O quilombola Sinfrônio Lisboa da Costa, na época com 31 anos, foi responsável por montar as paredes e o telhado do Catetinho, usando tábuas (Souza, 2012).**



Em 20 de abril de 2012, **Sinfrônio Lisboa da Costa** foi homenageado e recebeu a medalha “Mérito Candango”.

O quilombola Sinfrônio Lisboa da Costa na solenidade de entrega da medalha, 20 de abril de 2012. Fonte: Acervo: ArPDF

Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira, disponível para exibição na plataforma de vídeos **YouTube** o curta-metragem **Quilombo Mesquita**, produzido e dirigido por **Vladimir Carvalho**, em 1975. De forma resumida, a primeira parte conta a origem do povoado Mesquita e as transformações pela qual ele vem passando. A segunda mostra como eram os meios de produção da comunidade antigamente através da produção de doce de marmelo, a marmelada - que era a principal atividade do povoado. E a terceira, por fim, fala sobre as tradições culturais e religiosas e como elas perderam força nos anos anteriores, com a morte de personalidades responsáveis pelo repasse da tradição.



Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira, disponível para exibição na plataforma de vídeos **YouTube**, o primeiro episódio da série **Quilombo Mesquita - Uma História de Resistência**, com Roteiro de Fernanda Quintela, Fotografia de Adelson Barreto e Produção de Josilene Silva. Um trabalho magnífico que nos enriqueceu fortemente em todas as situações. O documentário mostra a constante luta dos quilombolas do Quilombo Mesquita, uma região ao lado da capital do Brasil, que sofre a perda da terra e de seus direitos adquiridos por merecimento e esforços próprios do povo daquela região.



## Construção do Núcleo Pioneiro



A água era captada de uma nascente próxima e, em seguida, bombeada para um conjunto de cinco tambores de duzentos litros cada um, que estavam fixados na copa de uma árvore alta.

*“Eu era ajudante de encanador e quando chegamos à fazenda Gama encontramos uma nascente muito grande, a água borbulhava... puseram uma bomba e jorrava para cima, que enchia nove tambores. Nós pegamos umas ripas, e a gente subia naquelas ripas, uns sarrafos de madeira, e era essa água que alimentava aqui (catetinho)” Miguel, o Miguilim - funcionário contratado pela Fertisa (Portela; Franca, 2012).*

As redes elétrica e hidráulica foram concluídas e a casa passou a ser abastecida com água quente através de uma serpentina instalada no fogão à lenha, localizada na cozinha do anexo;

A geração de energia elétrica era realizada através de um gerador movido a diesel de 75 KW;

A estação da Panair chegou à pista de pouso da Fazenda Gama a bordo de um avião DC-3 da empresa, com o prefixo PP-PCL, sob o comando de Paulo Novais de Souza Gomes. Instalaram serviço de radiotelegrafia, radiofonia e radiofarol. A primeira mensagem transmitida pela Panair foi destinada à receptora da Panair no Rio de Janeiro, solicitando que entrassem em contato com o Palácio do Catete.



Sebastião Calazans, o Tião da Onça. Fonte: Reprodução de Adirson Vasconcelos (1992)

**Estória:** Sebastião, mais conhecido como Tião, era entendido em serviços de encanação e elétrica e foi da leva dos primeiros trabalhadores mineiros a chegar na Fazenda Gama. Certo dia dormia em uma das muitas barracas do exército que o ministro General Lott disponibilizou no núcleo pioneiro, quando uma onça colocou as patas sujas na sua barraca.

Ao ouvir o barulho, saiu e deu dois tiros para assustar o animal. Ao amanhecer os companheiros observaram no chão o rastro da onça. Ao saber do caso JK quis conhecer o corajoso trabalhador e apelidou ele de “Tião da Onça” e assim ele ficou conhecido. (Esse caso tem várias versões, aqui adaptamos de Adirson Vasconcelos (1992, p. 998).

Projetada por Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, com desenho de Décio Vilares, foi inspirada na Bandeira do Império, desenhada pelo pintor francês Jean Baptiste Debret. As estrelas, que fazem parte da esfera, representam a constelação Cruzeiro do Sul. A única estrela acima na inscrição “Ordem e Progresso” é chamada Spica e representa o Estado do Pará. Esta bandeira tem 21 estrelas, que representavam os Estados do: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba do Norte (atual Paraíba), Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Município da Corte. No dia 11 de maio de 1992 a bandeira brasileira passou a ter 27 estrelas (formato atual), inserindo os estados do Amapá, Tocantins, Roraima e Rondônia.

Bandeira do Brasil Acervo Fonte: Museu do Catetinho



## Construção do Catetinho: da ideia a inauguração

*“um ponto de apoio naquele descampado, uma construção onde ele [Juscelino], nos fins de semana pudesse dormir. [...]”*

*Fiz o projeto de uma casa em madeira. [...] E, em 10 dias, o Catetinho foi construído”. Oscar Niemeyer*

Visita de Juscelino Kubitschek às terras da Fazenda Gama

**02/10**

Primeira parte da construção concluída.

Pouso do primeiro avião da FAB NA-1621 para inspecionar o campo.

**25/10**

Instalação de água e luz.

Pouso de vários aviões na pista de pouso.

**27/10**

*“A pequena casinha encontrou a tôda (sic) comitiva. Construída ao pé de um bosque, sobre ‘pilotis’ de madeira, pintada de azul e branco, é de uma deliciosa simplicidade, servida, entretanto, de luz elétrica, água encanada e aquecida”. Niomar Moniz Sodré, fundadora e então Diretora do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro em visita ao Catetinho 01 de novembro de 1956 (Maurício, 1956, p. sn).*

Casa toda forrada.

Assentamento do piso em cerâmica São Caetano.

Início do serviço de pintura

**29/10**

Em avião da Varig chega a Bandeira do Brasil para o mastro da casa e o retrato do Presidente Juscelino Kubitschek.

**31/10**

O campo de pouso foi acrescido de 400 metros, completando assim 1.600 metros de extensão.

**09/11**

**24/10**

Iniciada as obras da casa “Fez-se o primeiro concreto em Brasília”.

Instalação do rádio-amador Prefixo PYVA. Gerador de 1,5 cavalo instalado no local.

**26/10**

Início do assoalhamento da residência.

**28/10**

Cobertura com telhado.

Execução das divisórias internas.

Chegada da geladeira.

Início da instalação dos serviços de Radiotelegrafia e Radiofonia.

Montagem da Radiofarol

Panair do Brasil.

**30/10**

Instalação do gerador de diesel 75 KW.

Redes elétrica e hidráulica completadas.

**01/11**

Conclusão das obras da residência.

Organização do mobiliário sob supervisão Oscar Niemeyer, César Prates e Juca Chaves.

**10/11**

Inauguração da Residência Provisória Presidencial, o Catetinho.

“O presidente Juscelino Kubitschek chegou às 12:20”. À noite entoou-se o “Canto da Nova Capital”

## A modesta inauguração

*“Ensombreado por um pequeno bosque, de árvores ainda conservadas, está o Catetinho do Presidente. Sobre vigas de madeira, bem pintadas, estende-se, na distância, mais ou menos, de uns 15 metros, uma construção de madeira, com janelas de vidro, branco-azul, realçando com o verde do bosque” (Osanar, 1957).*

10 de novembro de 1956 - Inauguração da Residência Presidencial no Planalto Central, “uma casa moderna de linhas sóbrias e belas” (Niemeyer [...], 1956).

Por volta do meio-dia, Juscelino Kubitschek chegou, a recepção foi calorosa, mas o clima era marcado por uma chuva torrencial. JK circulou pela casa e expressou surpresa diante da velocidade da construção e dos resultados alcançados.

*“Vi que, se um grupo de amigos fora capaz de erigir, sem qualquer auxílio oficial e levado pelo idealismo, aquele Palácio de Tábuas em dez dias, o que eu não poderia fazer então, sendo o presidente da República” (Kubitschek, 1975, p. 60).*

Serviu-se um almoço, com mesinhas espalhadas pela casa inteira. E, em seguida, o presidente Juscelino Kubitschek realizou ali o seu primeiro despacho, assinando o volumoso expediente, com a presença do seu cunhado Júlio Soares, Cel. Lino Teixeira, Deputado Renato Azeredo, Cel. Dilermando Silva e o jornalista José Moraes.

Catetinho, 1956. Fonte: Arquivo Nacional



## CONSTRUÇÃO DA SEGUNDA EDIFICAÇÃO, O CATETÃO

O Catetinho surpreendeu a todos pelo conforto, mas era uma casa pequena para os planos de Juscelino. O presidente então ordena que seja construída mais uma edificação, nos mesmos moldes arquitetônicos, só que em versão ampliada, para abrigar sua própria família e outros convidados em visita ao canteiro de obras. Em maio de 1957 fica pronto a Residência Presidencial Provisória II, popularmente conhecida como Catetão ou Catetinho 2.

Construção do Catetão, Dez. 1956 Fonte: Arquivo Nacional.



A Novacap contratou mais trabalhadores para a construção da segunda edificação, e José Silvério de Oliveira estava entre eles. Em vida, ele compartilhava com alegria a história de que certo dia, o presidente JK passou por sua cidade, Uberlândia, MG, em razão de compromissos políticos. Durante essa visita, o presidente tomou café em sua casa e convidou José para realizar o trabalho de assentamento de portas e janelas, além de construir móveis de madeira no Planalto Central. José aceitou o convite, vindo trabalhar sem vínculo com a empresa, e contribuiu na construção do Catetinho (comprovado pelas fotos, sabemos que se tratava da segunda edificação, o Catetão, porque o Catetinho aparece ao fundo). Em 2012, Ana Francisca de Oliveira recebeu uma homenagem e a medalha “Mérito Candango” em nome de seu falecido esposo.

Relato concedido à autora por sua neta Lúcia Oliveira



José Silvério (primeiro em pé, canto esquerdo). Ao fundo, o Catetinho. Fonte: Reprodução de registro da família.

***“Mais do dobro do Catetinho, é o já batizado Catetão”  
(Cesar Prates).***

Descrição: 48 metros de fachada, 12 módulos de 4 metros cada, 26 pilotis pintados em cinza claro. Forro de madeira, telhas de zinco. Peitoral de treliças. Piso de tábua assoalhada. Escada com 15 degraus cor cinza. 5 quartos. À direita de quem sobe a escada, dois quartos de hóspedes e a copa, com um elevadorzinho de madeira, por onde subiam as bandejas preparadas na cozinha, em baixo. Ao centro o salão grande, todo branco, com rodapés azuis, duas colunas ao centro, 9 globos de luz, e 2 apliques nas paredes. À esquerda de quem sobe a escada, a parte presidencial, o quarto das duas filhas do presidente, o quarto de dona Sarah, e o quarto de Juscelino. Cada quarto com seu banheiro, de pastilhas retangulares brancas, o do Presidente em tons de verde, box com cortina de plástico branca estampado de vermelho. Armarinho com espelho pia, acima da pia, duas lâmpadas (Valdira, 1975).

***“Próximo ao Catetinho ergueu-se, em anexo, o denominado Catetão – este com representativo caráter nativista, varandas treliçadas e maior sofisticação estrutural, destacando os pilotis, com relativa audácia, com peças em balanço amplamente empregadas nas construções de concreto surgidas no mesmo período” (TROPIA, 2010).***



Residência Provisória Presidencial II, Catetão (1957) por Alfredo Martino Ilário Colombo. Fonte: ArPDF.



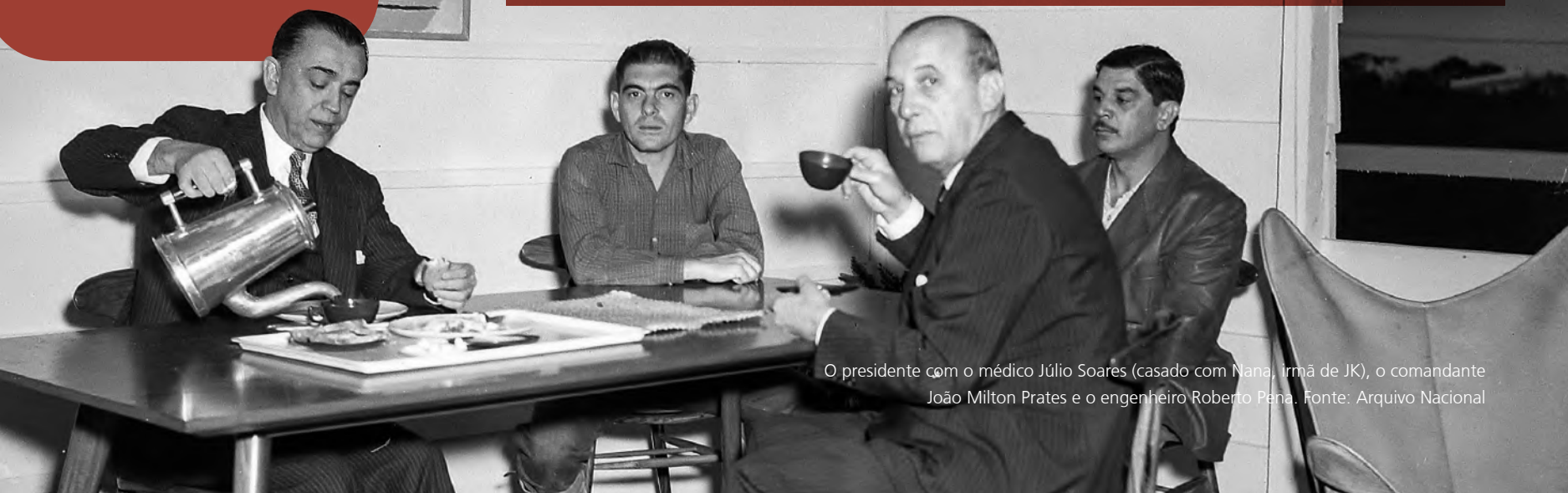
Tijolos do Catetão, a Residência Presidencial II Artefato encontrado no Inventário Catetinho (IPHAN, 2017). Acervo do Museu do Catetinho.



Núcleo Pioneiro da nova Capital. Fonte: Silva (2006)

## ESPAÇOS DE CONVÍVIO E REPOUSO

O edifício principal, o Catetinho, se ergue com graciosidade, um volume retangular suspenso sobre pilotis, ele guarda os quartos. Tem cerca de 33 metros de largura e 6 metros de fundo, ocupando uma área de 220 metros quadrados. Tem também um depósito, uma sala de armazenamento no térreo. Uma escada do lado leva a um corredor externo que vai ao longo do prédio e que conduz a quatro suítes principais, duas em cada lado. E uma sala de trabalho, com sua presença firme em frente à escada. Dois quartos simples e uma pequena área social (tipo um bar) - um ponto de encontro e um banheiro social (IPHAN, 2017). Juntamente com Oscar Niemeyer, Niomar Sodré desempenhou um papel fundamental na ornamentação do Catetinho. Os móveis foram encomendados por Niemeyer na Galeria OCA, de Sérgio Rodrigues e Paolo Grasseli, destacados no campo do design de interiores (Prates, 1983).



O presidente com o médico Júlio Soares (casado com Nana, irmã de JK), o comandante João Milton Prates e o engenheiro Roberto Pena. Fonte: Arquivo Nacional

## Quartos



*"Cedo, deixava o Catetinho, e, num instante, percorria todas as frentes de trabalho, obtendo de tudo uma visão bem mais ampla e detalhada"* Juscelino Kubitschek .

O quarto reservado ao Presidente no Catetinho era a primeira suíte ao lado esquerdo, JK o utilizava em suas constantes visitas às obras da construção de Brasília. Os outros cômodos eram utilizados principalmente pelos Diretores da Novacap e Assessores do governo.

O motor de fornecimento de energia elétrica para o Catetinho permanecia desligado entre às 22h e às 5h da manhã. Durante o final da noite e madrugada, os lampiões e as lamparinas eram utilizados para iluminar o Palácio.



## Sala de Despachos

A Sala de Despachos do Catetinho assemelhava-se a um escritório onde o Presidente JK, quando em viagem às obras de Brasília, desempenhava suas atividades e coordenava suas tarefas de trabalho no Planalto Central (Pinheiro Jr., 1958).

*“Revejo-o (JK) também, já então no Catetinho, examinando com interesse plantas e maquetas e iniciando com energia a execução das obras. E, principalmente, quando, à noite, naquelas frias noites de Brasília, discutia detalhes da cidade ainda em elaboração, lembrando soluções e exemplos, numa exaltação do mais puro entusiasmo.”* Oscar Niemeyer sobre o Presidente Juscelino Kubitschek no núcleo pioneiro (Niemeyer, 2006, p. 17). Esse arranjo perdurou até a inauguração oficial do Palácio da Alvorada em 30 de junho de 1958.





O presidente JK acompanhado de Israel Pinheiro (à esquerda) e do seu assessor Dilermando Silva na Sala de Despachos 11 nov. 1956. Fonte: Arquivo Nacional

*"Sem Israel, jamais eu teria  
construído Brasília"*

*(Juscelino Kubitschek).*



Coracy Uchoa Pinheiro na varanda do Catetinho, acompanhada de seu esposo Israel Pinheiro, Iris Meinberg e Ernesto Silva - os três eram membros da primeira mesa Diretora da Novacap. Fonte: ArPDF

## Diretoria Novacap



Primeira Mesa Diretora da Novacap, reunida em escritório no Rio de Janeiro, 1956. Da esquerda para a direita: Íris Meinberg, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e Ernesto Silva. Fonte: ArPDF.

**Enterro de Sayão, o único dia em que as obras de Brasília pararam...**No dia 15 de janeiro de 1959, Bernardo Sayão trabalhava na construção da estrada Transbrasiliana (Belém-Brasília) em plena floresta amazônica, quando uma árvore enorme foi cortada e caiu exatamente sobre a barraca em que estava. Sayão foi fatalmente atingido e morreu no mesmo dia, foi a primeira pessoa a ser enterrada em Brasília, no cemitério batizado de Campo da Esperança, local que ele mesmo demarcou.

**Estória - conto tradicional:** diz-se que durante a segunda metade do século entre 1700 e 1800, os comerciantes de escravos da cidade de Santa Luzia, hoje conhecida como Luziânia, no estado de Goiás, costumavam reabastecer seus es-

toques no porto da cidade de Salvador, na Bahia. As rotas de viagem de Salvador até Luziânia atravessavam o Planalto Central, e quando um escravo adoecia ou sofria um acidente, muitas vezes era deixado no primeiro abrigo disponível, aguardando sua recuperação para continuar a viagem, ou então era vendido naquela região mesmo. Em uma dessas viagens, chegou uma escrava chamada Esperança, que, devido a uma perna quebrada, precisou permanecer onde estava, aguardando sua recuperação. Esperança refez a vida, casou e foi morar perto dos atuais Palácios do Congresso e do Planalto, onde havia uma nascente d'água.

À medida que envelhecia, Esperança desenvolveu sintomas da hanseníase, ficando deformada, mas continuou ajudando as pessoas com suas rezas e remédios caseiros. Apesar dos preconceitos contra a doença, que causava a necrose de seus membros, orelhas e dedos, ela era querida pelos vizinhos.

Quando Esperança contraiu pneumonia e sua saúde se deteriorou, ela faleceu. No velório, familiares e vizinhos discutiram onde enterrá-la, já que os campos santos das fazendas

próximas recusaram seu corpo devido à hanseníase. Sepultaram dona Esperança na vagem sempre verde, próxima da estrada real, no espigão vermelho. O tempo passou, iniciou-se a construção de Brasília. Os engenheiros Bernardo Sayão e Joffre Mozart Parada, andando por ali no jeep Maracangalha, saem no Campo da Esperança e vêem os vestígios da sepultura da ex-escrava e outros pobres enterrados, Posteriormente, junto dela.

— Olha, Joffre, aqui vamos localizar o cemitério da nova Capital do Brasil.

— E como se chamará o novo cemitério, Sayão?

— Conservará o nome atual: Campo da Esperança (Pereira Neto, 1998).

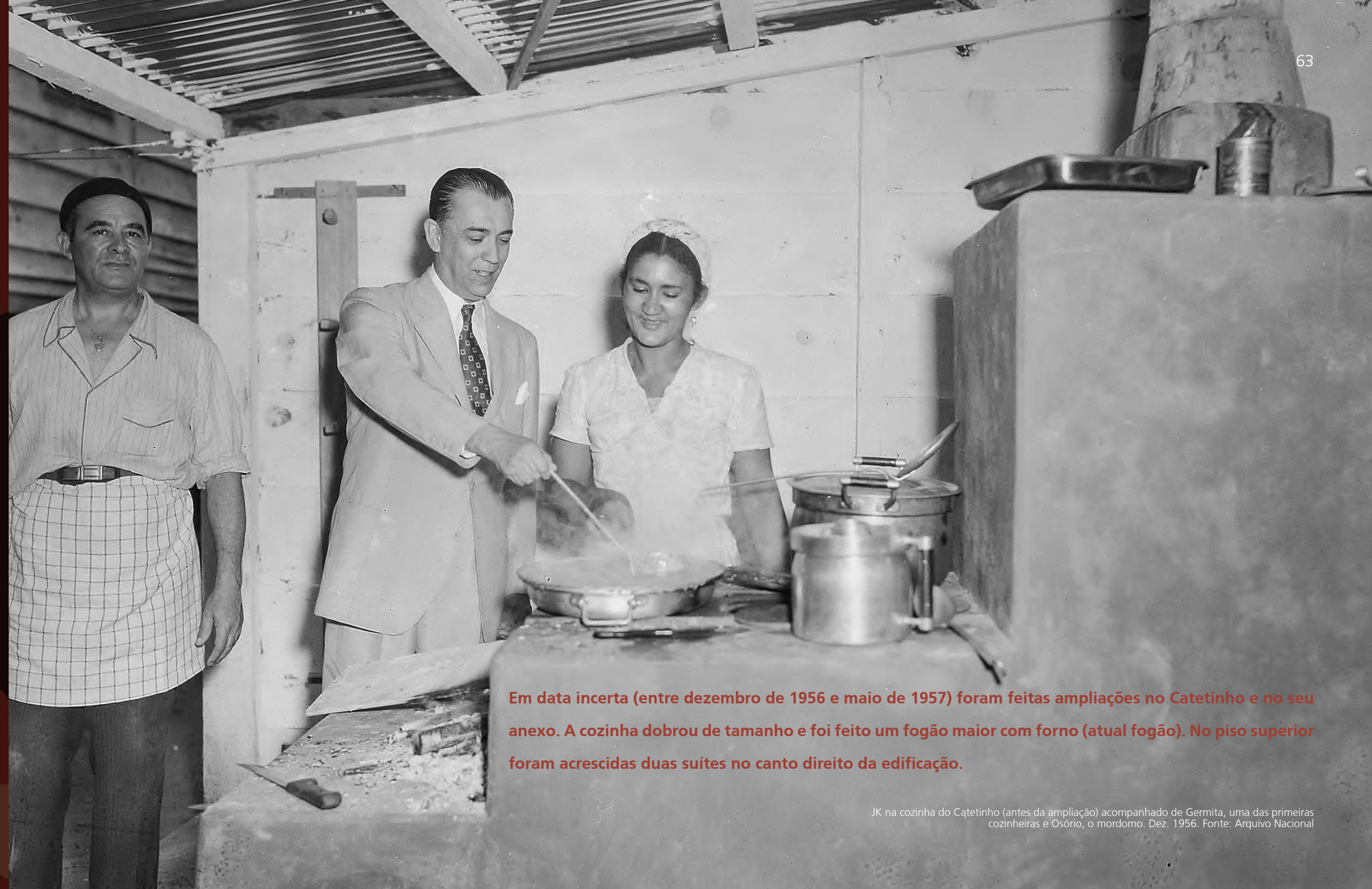
Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou **clique aqui** e confira, disponível para exibição na plataforma de vídeos **YouTube**, o documentário **O Primeiro Túmulo da Esperança** disponível para exibição gratuita no canal **Histórias de Brasília**, conduzido por João Carlos Amador.



## Anexo do Catetinho e Pilotis Área de Serviços e Funcionários

Foi erguido um anexo na parte de trás do palácio de madeira, destinado a servir como uma área de serviço e apoio para os funcionários. Trata-se de uma estrutura térrea, com formas geométricas irregulares, ocupando cerca de 112 metros quadrados. Ela se alinha paralelamente atrás do Palácio, no lado sul, e se conecta ao espaço dos pilotis por meio de uma pequena cobertura. No interior do anexo, há quatro cômodos, uma lavanderia equipada com dois amplos tanques construídos de alvenaria e uma ampla cozinha.

A cozinha do Catetinho exibe um estilo rústico, uma simplicidade encantadora e uma funcionalidade prática, evocando lembranças das cozinhas das fazendas no interior do Brasil. O fogão a lenha, com sua serpentina, desempenha a função de aquecer água para abastecer as banheiras e chuveiros no andar de cima, enquanto o piso é revestido com cimento queimado, conferindo um toque robusto. Para atender tanto à grande quantidade de convidados de JK quanto aos residentes da casa, como Israel Pinheiro e Coracy, várias cozinheiras e cozinheiros estavam sempre ocupados no preparo dos alimentos.



**Em data incerta (entre dezembro de 1956 e maio de 1957) foram feitas ampliações no Catetinho e no seu anexo. A cozinha dobrou de tamanho e foi feito um fogão maior com forno (atual fogão). No piso superior foram acrescentadas duas suítes no canto direito da edificação.**

## Dolores Teotônia, cozinheira do Catetinho.

No mês de janeiro de 1957, foi contratada por Coracy Uchôa Pinheiro, sua função primordial consistia em elaborar as refeições do presidente. Entre as preferências culinárias de Juscelino Kubitschek, um alimento que se destacava era o quiabo, presente em pratos como “angu com quiabo”, “carne com quiabo”, “frango com quiabo” ou mesmo “quiabo solo”.

Dona Dolores também serviu o presidente de Portugal na época, Francisco Craveiro Lopes, em junho de 1957. Toda a culinária era elaborada no fogão a lenha, que, como afirmava Dona Dolores, possuía um sabor especial: “Nenhum fogão é tão eficaz quanto os fogões a lenha” (Matos, 1960, p. 7).



**É dela (Dolores Teotônia) o projeto do fogão que permanece até os dias atuais.**

## Osório Reis, mordomo do Catetinho

Com a chegada do segundo Catetinho, a quantidade de convidados do presidente aumentou significativamente, o que demandou um esforço ainda maior dos funcionários do núcleo. Nos primeiros catorze meses, conforme relata, ele executou o trabalho equivalente ao de quatro indivíduos, dedicando dezesseis a vinte horas diárias, sempre desempenhando uma multiplicidade de tarefas. Osório chegou em outubro de 1956, ainda na construção do Catetinho. “Até então, só de café, Osório já tinha preparado e servido mais de três milhões de xícaras aos visitantes” (Entre [...], 1960, p. 16).

## Luciano Pereira, guarda-campo e depois zelador do Catetinho

Em junho de 1956, Luciano foi convidado por Bernardo Sayão para trabalhar na pista de pouso aberta na Fazenda Gama. Ele desempenhou essa função até a inauguração do aeroporto. Mais tarde, em convite feito por JK, ele assumiu o papel de zelador do Catetinho. Em 1964, ele ainda residia na cozinha do Catetinho juntamente com sua esposa, Dona Mercedes, e seus 7 filhos, utilizando o fogão e outros utensílios da residência. Ele expressava tristeza pela situação, porém, não tinha meios para sair, aguardando a construção de uma casa para sua família dentro da área cercada (Catetinho [...], 1964). Em 1970, uma casinha pré-moldada de madeirite foi erguida em apenas quatro dias para abrigar a família (Distrito Federal, 1970).





**Estória - conto tradicional:** os primeiros gêmeos nascidos na época da construção de Brasília eram filhos de Luciano. “Eles nasceram lá mesmo no Catetinho e Juscelino quis ser o padrinho das crianças. Nesta época o Padre Roque era o vigário da primeira igreja católica construída em Brasília, na Cidade Livre, um grande acampamento de peões e comércio naqueles tempos idos. O dia do batizado foi marcado, lá no Catetinho. Deu a hora, e nada do Padre Roque chegar. JK perdeu a paciência e foi com Luciano ao Núcleo Bandeirante falar com o Padre.

— Padre Roque, está todo mundo esperando pelo senhor para batizar as crianças lá no Catetinho, vamos embora que já estamos atrasados.

— Presidente, daqui eu não saio. Só batizo as crianças se elas forem trazidas até aqui, na igreja. No Catetinho eu não batizo. Só na igreja.

— Olha, P. Roque, deixe de bobagem. Quem é o Presidente da República?

— É o senhor.

— Então pegue logo o seu missal, a água benta e vamos batizar as crianças no Catetinho.” O batizado transcorreu sem incidentes no Catetinho (Nóbrega, 1996, p. 4).

**Essas pessoas representam e homenageiam a imensa quantidade de funcionários que desempenharam um papel crucial na manutenção do núcleo pioneiro Catetinho, atendendo a convidados, hóspedes e turistas durante a construção da nova capital. O nome de Osório Reis está gravado na placa de pioneiros do Catetinho, que foi instalada em 1958.**

**No dia 20 de abril de 1990, durante as celebrações do 30º Aniversário de Brasília (Distrito Federal, 1990), Luciano Pereira e Dolores Teotônia do Espírito Santo foram honrados com a medalha do “Mérito Alvorada”, criada na década de 70 para homenagear os Pioneiros de Brasília (Distrito Federal, 1970). Luciano já havia sido condecorado com a Medalha Buriti em 1974, por seu trabalho como encarregado do Catetinho (Agraciados [...], 1974).**

Na página anterior, Luciano Pereira, Mercedes e os gêmeos Lúcio e Luciano posando na sala de despachos do Museu do Catetinho, década de 70. Fonte: Vasconcelos (1992).

Na primeira visita de Chefe de Estado estrangeiro, até o cardápio foi noticiado, serviram perdizes, codornas caçadas na região ao presidente e comitiva de Portugal (Ronek; Torok, 1957). De sobremesa, doce de goiaba, caju, bacuri e a marmelada de Santa Luzia (Morel, 1957). O **Quilombo Mesquita** garantiu a subsistência dos novos moradores com o fornecimento de frutas, verduras, carnes, leite e doces (Souza, 2012). Em 2022, a marmelada de Santa Luzia foi reconhecida como patrimônio cultural e imaterial goiano.

Na área externa, diante da cozinha, no pilotis, encontram-se duas mesas de refeições com superfícies lisas de madeira, acompanhadas por bancos enormes. Estas mesas eram utilizadas por todos, inclusive em ocasiões de grandes recepções para chefes de Estado e suas comitivas, e nos churrascos que eram feitos, como nos aniversários do Catetinho e no mês de inauguração de Brasília. Além disso, eram cenário das serestas que enchiam o ambiente de alegria ao som das músicas de Dilermando Reis.

Almoço no Catetão - Visita do Ministro da Agricultura Mario Meneghetti, 17 mar. 1958.

Fonte: ArPDF



Almoço 1º aniversário de inauguração do núcleo pioneiro - churrasco. Fonte: ArPDF



Churrasqueira. Fonte:Acervo Museu do Catetinho



Em 1958, no 2º Aniversário do Catetinho, com a presença de JK, foi instalada uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Participaram desta obra pioneira João Milton Prates, Oscar Niemeyer, César Prates, José Ferreira de C. Chaves, Roberto Pena, Dilermando Reis, Emídio Rocha, Vivaldo Lírio, Osório Reis e Agostinho Montandon”.

Inauguração da Placa de Inauguração do Catetinho. Fonte: ArPDF

## ENTRE ACORDES E ARQUITETURA: A SINTONIA CULTURAL DO CATETINHO

Desde a inauguração, a música deu vida ao Palácio de Tábuas, transformando-o em um espaço de encontro ao final do dia de trabalho. A melodia familiar de “Peixe Vivo”, uma canção popular, tornou-se um símbolo associado ao presidente Juscelino Kubitschek. Aonde quer que ele fosse, era recebido com essa melodia do folclore mineiro. Dilermando Reis, o talentoso compositor e violonista, acompanhava as delegações oficiais e enchia o ar com serestas, trazendo alegria tanto para Juscelino Kubitschek quanto para seus convidados.

**Posicione seu celular no QR Code ao lado ou, clique aqui e confira, disponível na plataforma de streaming Spotify, o álbum “O Melhor da Seresta”, de Francisco Petrônio e Dilermando Reis.**



Violão Dilermando Reis - instrumento de 6 cordas da marca Del Vecchio com caixa.  
Doação: família do músico. Acervo Museu do Catetinho

*“À noite, depois do jantar, teve lugar uma serenata, com os pioneiros – a palavra candango não havia sido cunhada – entoando o Peixe vivo e o Canto da Nova Capital, de Dilermando Reis e Bastos Tigre” (Kubitschek, 2000, p. 97).*

### **Canto da Nova Capital**

**Música:** Dilermando Reis

**Letra:** Bastos Tigre

A caminho da floresta brasileira  
A busca altiplanura verdejante  
Com a crença que conduz nossa bandeira surgirá  
A mais bela capital  
No sertão de nossa terra  
Oi...

Serás

Oh! nascente Brasília

A cabocla gentil

Capital do Brasil!

Serás

No Planalto Central

**Posicione seu celular no QR Code ao lado ou, clique aqui e confira, na plataforma de vídeos YouTube, a música “Peixe Vivo”.**



Refulgente fanal

De riqueza e de paz!

Era um sonho pueril

N'alma do nosso Brasil

Mas surgirá no Planalto

A te ergueres para o alto

Brasília

Na imagem abaixo, Presidente JK em momento de descontração no Catetão, acompanhado de Dilermando Reis no violão, o Ministro das Relações Exteriores Negrão de Lima, e o Diretor da Novacap Íris Meinberg. 1958. Fonte: ArPDF



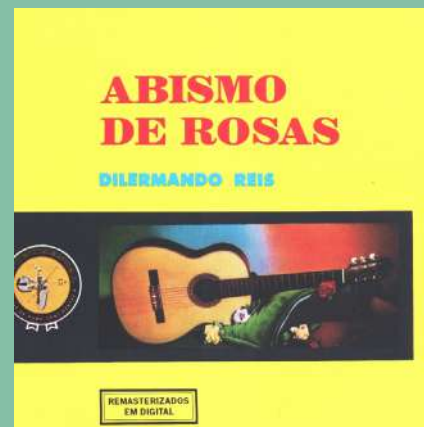
## Lista de Discos de vinil



“JK em Serenata” – JK e Grupo de Seresta Diamantina, 1967.



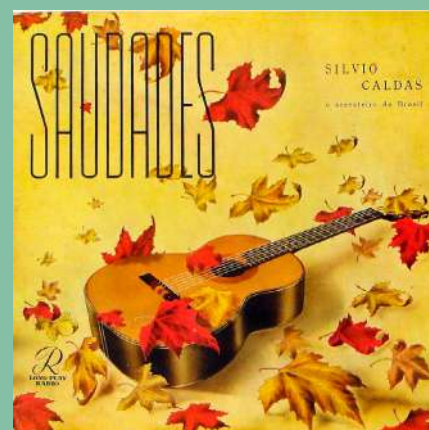
“Uma Voz e um Violão em Serenata” – Francisco Petrônio e Dilermando Reis, 1962.



“Abismo de Rosas” – Dilermando Reis, 1961.



“Sucessos de Ontem na Voz de Hoje” – Ângela Maria, 1956.



“Saudades, O Brasil Seresteiro” – Silvio Caldas, 1952.

Doação: família do músico.  
Fonte: Acervo Museu do Catetinho

Entre 1930 e o início dos anos 1960, o rádio desempenhou um papel fundamental como o principal meio de comunicação de massa no Brasil. Durante a década de 1950, essa mídia experimentou o que ficou conhecido como a “Era de Ouro”. A Rádio Nacional, a emissora mais influente do país na época, conquistou grande popularidade com suas novelas, programas de humor e shows de auditório, refletindo os interesses e as escolhas do público em geral.



## Hóspedes Ilustres

Juscelino Kubitschek e o presidente de Portugal no núcleo pioneiro. Em 20 de junho de 1957, o General Craveiro Lopes junto à sua esposa Berta Craveiro Lopes e comitiva, pernottaram no Catetão. Fonte: Arquivo Nacional



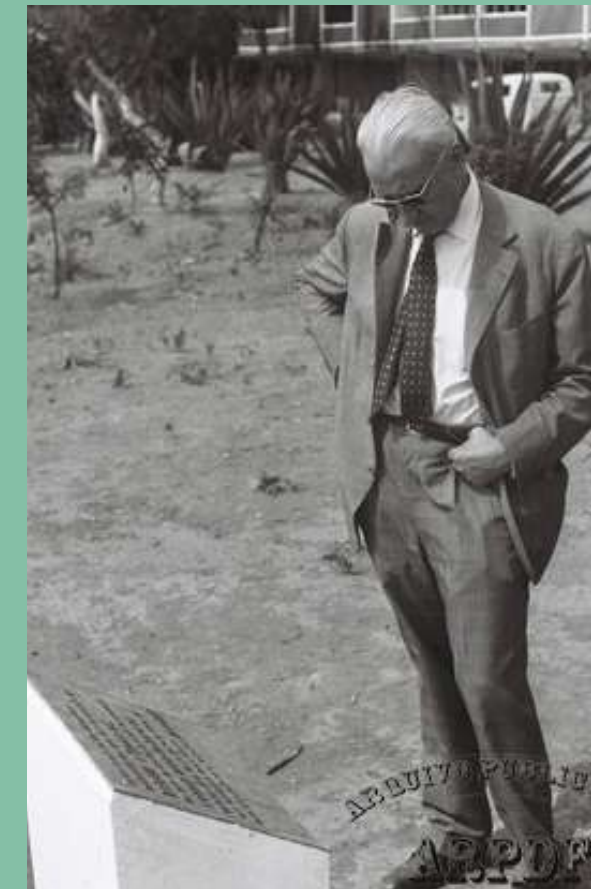
Comitiva do Departamento da Aeronáutica da Argentina, abril de 1958. Fonte: ArPDF



Robert Wagner, prefeito de Nova York, em visita ao núcleo pioneiro, novembro de 1957. Fonte: ArPDF



Jornalista francês James de Coquet le Figaro no Catetinho. Ago 1959. Fonte: ArPDF



A Panair do Brasil desempenhou um papel pioneiro na indústria de companhias aéreas brasileiras. Durante a época, as viagens aéreas eram cercadas de glamour, e a empresa oferecia produtos com sua marca, tanto para seus funcionários quanto para os passageiros que embarcavam em suas aeronaves. Esses produtos eram confeccionados em plástico resistente e ostentavam o logotipo da companhia aérea.

Bolsas Panair do Brasil. Fonte: Acervo Museu do Catetinho



## Tom Jobim e Vinicius de Moraes

O convite para criar uma Sinfonia em homenagem à Nova Capital partiu de Oscar Niemeyer para Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Mais tarde, com um apoio adicional, Juscelino Kubitschek pessoalmente convidou-os a passar alguns dias no Catetinho. Esse convite se concretizou em setembro de 1960, quando os dois artistas fizeram a viagem de carro do Rio de Janeiro para Brasília, utilizando o fusquinha de Tom (Castro, 2016).

A ideia era um espetáculo de Son et lumière (Som e Luz) tal como era feito nos Castelos franceses (Boscoll, 1960). A composição da Sinfonia da Alvorada foi finalizada em dezembro de 1960. O LP, com uma duração de 45 minutos, foi dividido em cinco partes: 1) O Planalto; 2) O Homem Aparece; 3) A Chegada dos Candangos; 4) Trabalho e Construção; 5) Coral (Concluída [...], 1960).

“João Milton Prates foi a Goiânia, foi lá pra Goiás Velho procurar um piano para eu trabalhar lá [Catetinho]. E eu me lembro que eles pegaram aquele piano, os homens propriamente ditos, homens fortes, pegaram o piano e carregaram ali pra cima pela escadinha de madeira. E nós ficamos ali” (Jobim, 1993).

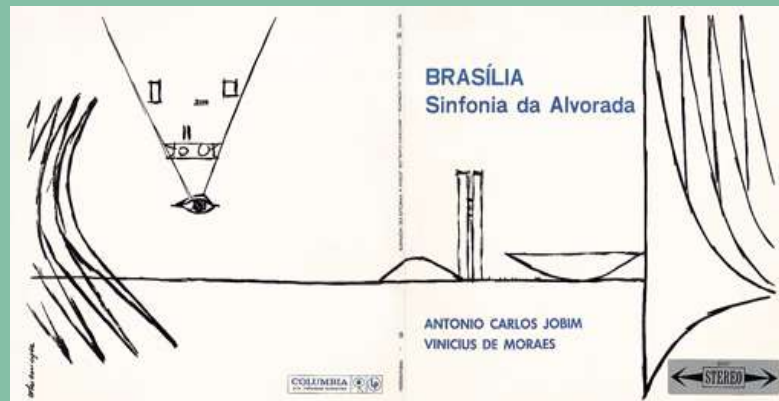
Tom Jobim e Vinicius de Moraes, piano da sala de despachos do Catetinho. Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim



Música: Antonio Carlos Jobim

Poesia: Vinicius de Moraes

LP 12" capa dupla, gravado em novembro de 1960, no estúdio da Colúmbia, Rio de Janeiro Orquestra sinfônica sob a regência de Antônio Carlos Jobim Recitativo por Vinicius de Moraes (alguns trechos com participação de Tom Jobim) Côro Dante Martinez sob a direção de Roberto de Regina Participação de Os Cariocas e Elizete Cardoso."



Capa Brasília, Sinfonia da Alvorada. Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim.

Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **O Planalto Deserto**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma **Youtube**.



Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **O Trabalho e a Construção**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma **Youtube**.



Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **O Homem**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma **Youtube**.



Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **Coral**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma de vídeos **Youtube**.



Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **A Chegada dos Candangos**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma **Youtube**.



“Havia em nós essa tristeza que nasce da beleza, e palmilhávamos os capões de mato com a sensação do irremediável tempo. Jobim, caçador experimentado e velho piador de pássaros, arremetia mais longe do que eu. Eu voltava, a partir do lindo olho d’água do pequeno bosque, para os meus intermináveis passeios na alpendrada do Catetinho, onde ficava a pensar no texto da Sinfonia e a esperar a comida simples e gostosa que nos dava a patroa de Luciano, o caseiro: o mais antigo funcionário de Brasília” - Tom Jobim (Caetano, 1985).

A Sinfonia da Alvorada teve sua divulgação limitada na época. Sua estreia pública ocorreu somente em 7 de setembro de 1985, na Esplanada dos Ministérios. Nesse evento, Tom Jobim e Radamés Gnattali estiveram presentes, este último ao piano, juntamente com o maestro Alceu Bocchino. Suzana de Moraes, filha de Vinicius de Moraes, foi encarregada de recitar o poema. O espetáculo foi concebido para prestar homenagem ao vigésimo quinto aniversário de Brasília e celebrar o Dia da Independência do Brasil.



No refúgio da paz, onde só os passos suaves dos turistas, já familiarizados com o Catetinho, quebravam o silêncio, nasceu o samba “Água de Beber”, uma das pérolas da música brasileira. Tom e Vinicius mergulharam nas entranhas da Mata que abraça o Palácio de Tábuas, envolvidos por um manto de inspiração que brotou sem esforço. Nas palavras do “poetinha” da bossa nova, fluíram como o “orvalho numa pétala de flor” (Boscoll, 1960, p. 44).

Eu quis amar, mas tive medo  
E quis salvar meu coração  
Mas o amor sabe um segredo  
O medo pode matar o seu coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber  
Água de beber, camará

Eu nunca fiz coisa tão certa  
Entrei pra escola do perdão  
A minha casa vive aberta  
Abri todas as portas do coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber

Água de beber, camará

Eu sempre tive uma certeza  
Que só me deu desilusão  
É que o amor é uma tristeza

Muita mágoa, demais para um coração

Água de beber  
Água de beber, camará  
Água de beber  
Água de beber, camará

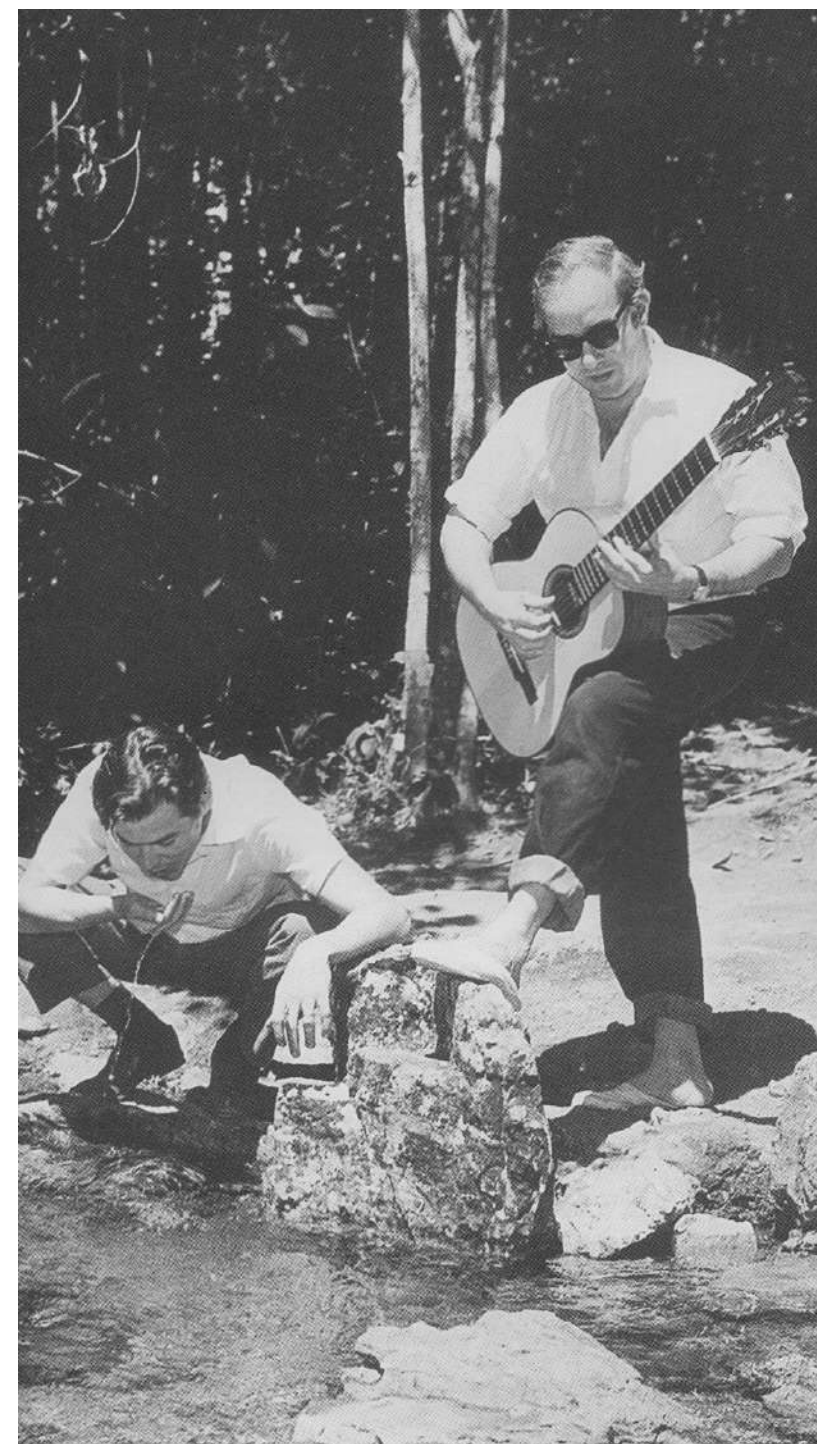
Posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira a música **Água de Beber**, no canal de **Tom Jobim** na plataforma **Youtube**.



*“Esta planície imensa, de superfície tão suavemente sinuosa, é riquíssima de cursos d’água límpida e deliciosa que manam da menor depressão do terreno”.*

Auguste François Marie Glaziou

O Museu do Catetinho situa-se na Área de Proteção Ambiental Gama e Cabeça de Veado, criada por decreto distrital de 1986. Localizado em uma região de significativa biodiversidade de flora e fauna, especificamente dois tipos de vegetação do Bioma Cerrado podem ser vistos na área do museu: a Mata de Galeria, em torno da nascente; e, o Cerrado sentido restrito, caracterizado pela presença de árvores baixas, inclinadas, tortuosas, com ramificações irregulares e retorcidas.



Tom e Jobim na nascente do catetinho. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

## DO PALÁCIO DE TÁBUAS PARA A INAGURAÇÃO TRIUNFAL

A inauguração de Brasília foi marcada por uma série de comemorações memoráveis. De forma simbólica, duas delas ocorreram no Catetinho. No dia 3 de abril de 1960, marcando o início das celebrações que antecederiam o grande dia da transferência da Capital, Juscelino Kubitschek compartilhou um almoço com os trabalhadores que desempenharam um papel fundamental na construção da cidade. Esse encontro ficou marcado pelas seguintes palavras de JK:

*“A batalha há três anos aqui iniciada está hoje praticamente concluída”* JK (Confraternização [...], 1960, p. 4).

Alguns dias mais tarde, na manhã do dia 20 de abril de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek despediu-se do Palácio do Catete e embarcou junto com sua família no Aeroporto Santos Dumont com destino a Brasília. Ao chegar no aeroporto do Planalto Central, ele seguiu de helicóptero até o Catetinho, onde descansou enquanto aguardava o momento de partir para a solenidade na Praça dos Três Poderes (JK [...], 1960b).

Foto de Marcel Gautherot Fonte: Arch Daily

*“O dia seria, pois, uma sucessão de emoções profundas. Assim, ao desembarcar em Brasília, refugiei-me no Catetinho. Fora ali que comandara a grande batalha da construção da nova Capital e ali buscava refúgio, no seu último dia. Tudo era quieto na modesta casa de madeira, erguida antes que existisse até mesmo o traçado da cidade [...] Olhando através da porta que dava para a varanda, vi minha mãe — serena, altiva, austera como sempre foi — conversando com minhas filhas”* (Kubitschek, 1975, p. 363).



Ao final daquele dia, às 17 horas, saiu do Catetinho em direção à cerimônia de entrega da chave simbólica da cidade. Estava acompanhado da primeira-dama e de suas filhas, Márcia e Maria Estela. Na Praça dos Três Poderes, JK recebeu a chave das mãos de Israel Pinheiro, que havia sido nomeado o primeiro prefeito de Brasília.

Da esquerda para direita: Maria Estela e Márcia, filhas do casal Juscelino e Sarah Kubitschek nas celebrações do dia 20 de abril de 1960. Fonte: Reprodução Kubitschek (1975)



Juscelino Kubitschek, Sarah Kubitschek e Israel Pinheiro - Baile de Gala, 21 de abril de 1960. Fonte: ArPDF

Foram três dias de festas, desfiles e inaugurações. O baile de gala realizado no dia 21 de abril de 1960 no Palácio do Planalto foi o ponto alto. A Casa Canadá, comandada por Mena Fiala, criou o vestido da primeira-dama Sarah Kubitschek, era um Tomara que caía de organza branca, que realçava sua figura aos 51 anos, com destaque para o busto, cintura e quadris, seguindo a moda da época. Foram usados 12 metros de organza de seda e mais de 5000 cristais, vidrilhos e lantejoulas nos bordados florais em ponto cadeia com fio de ouro (Chaves, 2009).

Trajes do baile de inauguração de Brasília. Doação da família. Acervo Museu do Catetinho



## DE PROVISÓRIO A PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL

*" [...] preservar, para os brasileiros de amanhã, a primeira edificação em que o Chefe do Estado começou a exercer, no sítio escolhido para a nova capital do país [...] erigindo-a como um testemunho ciclópico de confiança no futuro da pátria." Rodrigo Melo Franco de Andrade. (Discurso do então Diretor do SPHAN, na solenidade de descerramento da placa de tombamento, 10 de novembro de 1959).*

O Catetinho foi tombado como patrimônio nacional em 21 de julho de 1959, por meio do Processo nº 0594-T -59, tendo sido inscrito no Livro do Tombo Histórico sob o nº 329. Tal proteção foi recepcionada ex officio pelo Governo do Distrito Federal por força do art. 6.º da Lei distrital n.º 47, de 2 de outubro de 1989.

Cerimônia de descerramento da placa de tombamento do Catetinho. 10 nov. 1959. Fonte: Arquivo Nacional



Durante o processo de tombamento do Catetinho, o Catetão não foi considerado como de valor histórico ou arquitetônico, de modo que foi desmontado e vendido pela Novacap à Sebastião F. de Camargo, que comprou por 500 mil cruzeiros entre novembro de 1959 e julho de 1960 (Valdira, 1975). Em seu lugar foi feito o bar buriti, que servia para venda de lanches e apoio aos visitantes com sanitários. Alguns vestígios do edifício Catetão podem ser vistos próximo à área de piquenique.



Catetão (em primeiro plano) antes de ser desmontado, ao lado do Catetinho. Fonte: IBGE

*(Catetinho) ali que comandara a grande batalha da construção da nova Capital e ali buscava refúgio, no seu último dia. Tudo era quieto na modesta casa de madeira, erguida antes que existisse até mesmo o traçado da cidade. Sentei-me em um desvão da varanda. Em torno, estendia-se a cidade que, em um esforço quase sobre-humano, conseguira construir em três anos e meio. O céu era o mesmo da minha primeira visita ao local, no dia 2 de outubro de 1956 - céu imenso, desdobrado de nuvens coloridas, como se refletisse o esplendor da metrópole que se abria no chão. Juscelino Kubitschek (1975, p. 363).*



Estátua "O Fundador" Juscelino Kubitschek.  
 Fonte: Da autora (2023)  
 Escultor: José Pedrosa  
 Acervo Museu do Catetinho  
 O primeiro exemplar desta escultura está na cidade  
 de Diamantina/MG (Na Cidade [...], 1958)

O FUNDADOR  
 JUSCELINO KUBITSCHKEK  
 10 DE NOVEMBRO DE 1956

## PESSOAS CITADAS NESTA OBRA

### **Agostinho Montandon (? - 1957)**

Natural de Araxá/MG. Comerciante e aviador. Veio junto com os funcionários da Fertisa SA em outubro de 1956. Tanto Agostinho quanto o piloto Termosires Belo perderam suas vidas em um acidente aéreo que aconteceu em 2 de fevereiro de 1957. O incidente ocorreu durante a aterrissagem da aeronave no pequeno campo de pouso do núcleo pioneiro Catetinho. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

### **Altamiro de Moura Pacheco (1896-1996)**

Natural de Bela Vista/GO. Farmacêutico, Médico e Pecuarista. Presidente da Comissão de Cooperação de Mudança da Capital Federal.

### **Auguste François Marie Glaziou (1828-1906)**

Natural de Lannion na França. Engenheiro, botânico e paisagista francês. Participou da 2ª missão Cruls. Responsável pela transformação de vários parques na cidade do Rio de Janeiro e diretor dos parques e jardins particulares de D. Pedro II.

### **Bernardo Sayão Carvalho Araújo (1901-1959)**

Natural do Rio de Janeiro/RJ. Engenheiro Agrônomo e Médico Veterinário. Vice-governador de Goiás de 1954 a 1955, foi o responsável pela abertura das pistas de pouso Vera Cruz e do Catetinho. Entusiasta defensor da interiorização da Capital, foi um dos primeiros diretores da NOVACAP. Um dos responsáveis pela construção da rodovia Belém-Brasília, iniciada em 1958, morreu tragicamente, em janeiro de 1959, atingido pela queda de uma árvore em Açailândia/MA.

### **Cesar Prates (?) Jornalista**

Amigo pessoal de JK. Autor do Diário que se tornou o livro “Do Catetinho ao Alvorada”. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

### **Coracy Uchôa Pinheiro (1906-2013)**

Natural de Paracatu/MG. Morou por alguns meses no Catetinho. Junto à Sarah Kubitschek ajudou a fundar a entidade médica Associação das Pioneiras Sociais. Estreou o cargo de primeira dama de Brasília.

### **Dilermando Reis (1916-1977)**

Natural de Guaratinguetá/SP. Compositor e violonista, acompanhava as comitivas oficiais e animava serestas para JK e seus convidados. Amigo próximo de JK. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

### **Dolores Teotônia Espírito Santos (?)**

Natural de Minas Gerais. Cozinheira, chegou ao Planalto Central em janeiro de 1957 para trabalhar no núcleo pioneiro Catetinho.

### **Emílio Rocha (?)**

O Rochinha, figura boêmia, compositor e autor do samba Novos Rumos que foi gravado por Sílvio Caldas. Diz JK que foi ele o responsável por descontar a promissória de 500 mil em Minas Gerais para construção do Catetinho. Amigo próximo de JK. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**Ernesto Silva (1914-2010)**

Natural do Rio de Janeiro/RJ. Médico pediatra e Militar. Foi secretário na Comissão de Localização da Nova Capital e depois presidente da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal. Foi Diretor da primeira composição da Novacap, e membro-fundador da Fundação Hospitalar de Brasília.

**Iris Meinberg (1908-1973)**

Natural de Três Pontas/MG.

Advogado, promotor e político brasileiro. Seu nome foi proposto pelo principal partido de oposição do governo, a UDN de Carlos Lacerda. Foi nomeado Primeiro Diretor Financeiro da Novacap.

**Israel Pinheiro (1896-1973)**

Natural de Caeté/MG. Político. Participou da Revolução de 1930. Foi constituinte de 1946; deputado federal por Minas Gerais de 1946 a 1956; presidente da NOVACAP; primeiro prefeito de Brasília e governador mineiro de 1966 a 1971.

**Jerônimo Coimbra Bueno (1910-1996)**

Natural de Rio Verde/GO. Engenheiro e Político, foi Governador de Goiás de 1947 a 1950 e senador pelo mesmo Estado. Em 1954, liderou no Congresso Nacional o movimento mudancista.

**João Milton Prates (?)**

Ex-comandante e piloto da FAB. Amigo próximo de JK e seu piloto oficial quando era Governador de MG. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958

**Joffre Mozart Parada (1924-1976)**

Natural de Vianópolis/GO. Engenheiro de Minas de Metalurgia e Civil. Foi professor e fundador da Escola de Engenharia do Brasil Central (EEBC), atualmente incorporada à Universidade Federal de Goiás. Trabalhou como engenheiro-chefe encarregado dos serviços técnicos da Comissão de Cooperação da Mudança da Capital.

**José Alves Pedrosa (1915-2002)**

Natural de Rio Acima/MG. Escultor e desenhista. Responsável pela escultura “Fundador” instalada no Museu do Catetinho e pela Cabeça JK que se encontra na Praça dos Três Poderes em Brasília.

**José Ferreira de Castro Chaves, conhecido também por Juca Chaves (1912-?)**

Natural de Água Preta/PE. Engenheiro. Diretor técnico da Empresa de Construções Gerais (ECG). Era dono do Juca’s Bar. Chefe na construção do Catetinho. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**José Silvério de Oliveira (1902-1983)**

Natural de Igarapava/SP. Marceneiro. Veio de Uberlândia/MG de teco-teco em novembro de 1956, para trabalhar na construção do Catetão e fabricação de móveis. Em 2012, foi agraciado in memoriam com a Medalha do “Mérito Candango”.

**Júlia Coelho Kubitschek de Oliveira (1873-1971)**

Natural de Diamantina/MG. Professora primária. Teve três filhos: Eufrosina Kubitschek de Oliveira (1900-1901), Maria da Conceição Kubitschek de Oliveira (1901-1966) e o caçula Juscelino Kubitschek de Oliveira.

**Juscelino Kubitscheck de Oliveira (1902-1976)**

Natural de Diamantina/MG. Médico, oficial da Polícia Militar mineira e político. 21º Presidente do Brasil de 1956 a 1961.

**José Ludovico de Almeida (1906-1989)**

Natural de Itaberaí/GO. Farmacêutico. Político do Estado de Goiás, foi Prefeito, Governador de Goiás de 1955 a 1959

e Deputado Federal.

**Luciano Pereira (1924-2000)**

Natural de Luziânia/GO. Requisitado por Bernardo Sayão à Força Aérea Brasileira para atuar como guarda da pista de pouso

do Catetinho, posteriormente, administrador do Catetinho de 1957 a 1985.

**Lúcio Costa - Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa (1902-1998)**

Natural de Toulon - França. Arquiteto e urbanista brasileiro. Autor do Plano-Piloto de Brasília.

**Luís Cruls - Louis Ferdinand Cruls (1848-1908)**

Natural de Diest - Bélgica. Astrônomo e diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. Chefiou a Comissão Exploradora do Planalto Central, conhecida como Missão Cruls em 1892.

**Marechal Floriano Peixoto (1839-1895)**

Natural de Maceió/AL. 2º Presidente do Brasil de 1891 a 1894.

**Marechal José Pessoa (1885-1959)**

Natural de Cabaceiras/PB. Militar. Sob o governo do presidente João Café Filho, em outubro de 1954 foi nomeado presi-

dente da Comissão de Localização da Nova Capital Federal que aprovou o local definitivo para a instalação da nova capital,

o chamado “sítio castanho”.

**Mercedes Ribas Parada (1924-2012)**

Natural de Ipameri/GO. Normalista. Chegou ao Planalto Central em 1957. Mercedes Ribas Parada nunca tinha atuado como

topógrafa na vida, mas, orientada pelo marido, o engenheiro Joffre Mozart Parada, delimitou tamanho e local de cada uma

das 102 fazendas que deram origem ao Distrito Federal.

**Miguel Pereira da Cunha (1940-)**

Natural de Araxá/MG. Atuou na obra do Catetinho como auxiliar de bombeiro-encanador.

**Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1916-2003)**

Natural de Salvador/BA. Jornalista e empresária. Fundadora e então Diretora do Museu de Arte Moderna (MAM). Esteve

presente no Catetinho contribuindo no design de interiores.

**Oscar Niemeyer - Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (1907-2012)**

Natural de Rio de Janeiro/RJ. Arquiteto. Responsável pelo planejamento arquitetônico de vários edifícios públicos de Brasília,

é um dos maiores representantes da arquitetura moderna mundial. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**Osório Reis (?)**

Chegou no dia 28 de outubro de 1956, vindo de caminhão do RJ, foi ele o responsável pelo teste de funcionamento da geladeira para a residência provisória, no qual fizeram o primeiro gelo. Mordomo do Catetinho e Catetão. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**Roberto Magalhães Pena (?)**

Engenheiro. Funcionário da Fertisa e amigo próximo de JK. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969)**

Natural de Belo Horizonte/MG. Jornalista e advogado. Foi criador e primeiro Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) de 1937 a 1967. Esteve presente no descerramento da placa de patrimônio histórico no Catetinho em 1959.

**Sarah Kubitschek - Sarah Luiza Lemos Kubitschek de Oliveira (1908-1996)**

Natural de Belo Horizonte/MG. Esposa de Juscelino Kubitschek, com quem teve duas filhas, de um parto complicado Márcia Lemos Kubitschek de Oliveira (1943-2000) e Maria Estela Lopes (1942-) adotada aos 5 anos de idade. Primeira-dama do Brasil de 1956 a 1961, da capital mineira Belo Horizonte, entre 1940 e 1945, e do Estado de 1951 a 1955. Criou a Fundação das Pioneiras Sociais e implantou o Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek.

**Sebastião Calazans (?)**

Natural de Minas Gerais. Encanador e eletricitista. Trabalhou nas obras do núcleo pioneiro em 1956. Ficou conhecido como “Tião da Onça”, apelido recebido de JK, porque espantou um animal que se aproximava da sua barraca.

**Sinfrônio Lisboa da Costa (1925-2015)**

Natural do Quilombo Mesquita, Luziânia/GO. Aos 31 anos trabalhou na construção do Catetinho, pregando as tábuas e montando o telhado.

**Tom Jobim - Antonio Carlos Jobim (1927-1994)**

Natural do Rio de Janeiro/RJ. compositor, pianista, violonista, arranjador e cantor brasileiro. Gênero MPB - Música Popular Brasileira e expoente da Bossa Nova.

**Vinicius de Moraes - Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes (1913-1980)**

Natural do Rio de Janeiro/RJ. Poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro. Notabilizou-se pelos seus sonetos.

**Vivaldo Lírio (?)**

Operador de máquinas e técnico em aeronaves. Veio para a fazenda Gama no caminhão que saiu do Rio de Janeiro em 18 de outubro de 1956, com materiais de construção e alguns móveis e eletrodomésticos, inclusive a primeira geladeira. Seu nome consta na placa comemorativa de 1958.

**Zenaide Barbosa dos Santos (1940-)**

Natural de Anápolis/GO. Do lar. Aos 16 anos fizeram uma foto sua servindo café para o presidente JK, o registro entrou pra história de Brasília.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Hélio Miranda. **Aniversário histórico. Revista Brasília**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 24, p. 16, dez. 1958.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CONCESSIONÁRIAS DE AEROPORTOS BRASILEIROS. Aeroportos de Brasília. Disponível em: <http://ancab.com.br/aeroportos/aeroporto-internacional-de-brasilia-presidente-juscelino-kubitschek/>
- BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no planalto central**: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador. Brasília: UnB, 2011
- BRAGA, André Garcia; MARTINS. Laudo antropológico: Comunidade Quilombola de Mesquita. In: INCRA. **RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação**. Brasília: INCRA, 2011. p. 1-182
- CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: a história e as histórias da bossa nova. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CERIMÔNIA marca reinauguração do Catetinho para o aniversário da capital. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 abr. 2012. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/04/20/interna\\_cidadesdf,298955/cerimonia-marca-reinauguracao-do-catetinho-para-o-aniversario-da-capital.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/04/20/interna_cidadesdf,298955/cerimonia-marca-reinauguracao-do-catetinho-para-o-aniversario-da-capital.shtml) Acesso em: 10 abr. 2022
- CHAVES, Débora. O JK da alta costura. **Veja**, São Paulo, p. 158-163, especial Brasília 50 anos, nov. 2009. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/revistas/A\\_revista\\_veja.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilia/revistas/A_revista_veja.pdf) Acesso em: 06 fev. 2022
- CINTRA, Carlos. **Participação da Fertisa na construção do Catetinho**. 2012. Disponível em: <https://carlaocintra.blogspot.com/search?q=fertisa>
- CRULS, Luiz. **Relatório Cruls**: relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2012. 380 p. (Edições do Senado; v. 22). Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/574202/001151435\\_Relatorio\\_Cruls.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/574202/001151435_Relatorio_Cruls.pdf)
- DISTRITO FEDERAL. Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). **Comissões Cruls**: a história das comissões de exploração e estudo da região do planalto central do Brasil. Brasília: ArPDF, 2021. Disponível em: <https://www.arquivopublico.df.gov.br/exposicao-comissoes-cruls/> Acesso em: 14 maio 2023.

[br/exposicao-comissoes-cruls/](https://www.arquivopublico.df.gov.br/exposicao-comissoes-cruls/) Acesso em: 14 maio 2023.

- \_\_\_\_\_. O Governador do Distrito Federal no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 3º do Decreto nº 1.435, de 27 de agosto de 1970, resolve como prêmio por terem contribuído, de modo relevante para o progresso do Distrito Federal, conceder a “Medalha do Mérito Alvorada” aos Pioneiros de Brasília abaixo relacionados, como parte das comemorações do 30º Aniversário de Brasília. **Diário Oficial de Brasília**, Brasília, 24 abr. 1990, p. 5. Disponível em: [https://www.dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=1990/04\\_Abril/DODF%20077%2024-04-1990&arquivo=DODF%20077%2024-04-1990.pdf](https://www.dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=1990/04_Abril/DODF%20077%2024-04-1990&arquivo=DODF%20077%2024-04-1990.pdf). Acesso em: 10 fev. 2022.
- \_\_\_\_\_. Decreto nº 1435 de 27 de agosto de 1970. Institui a Medalha do “Mérito Alvorada”. Diário Oficial de Brasília, Brasília, 1970. Disponível em: [https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2223/Decreto\\_1435\\_27\\_08\\_1970.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/2223/Decreto_1435_27_08_1970.html) Acesso em: 10 fev. 2022.
- \_\_\_\_\_. Urbanização da Asa Norte segue em ritmo acelerado. **Diário Oficial de Brasília**, Brasília, 24 nov. 1970.
- FREITAS, Conceição. Brasília, uma cidade para brancos construída pelos pretos. **Metrópoles**, Brasília, 27 out. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/brasilia-uma-cidade-para-brancos-construida-pelos-pretos> Acesso em: 13 maio 2022.
- GOIÁS. Lei n.º 21.278, de 05 de abril de 2022. Dispõe sobre o reconhecimento da Marmelada de Santa Luzia como patrimônio cultural e imaterial goiano. [https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa\\_legislacao/105276/lei-21278](https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/105276/lei-21278)
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Inventário Catetinho**. Brasília, 2017.
- JOBIM, Antonio Carlos Brasileiro de Almeida. Conversa com Tom Jobim. Entrevista concedida a Jô Soares. **Rede Globo**, Rio de Janeiro, 22 out. 1993. Programa de TV. A partir de 05:49. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AEcl-pAx757M> Acesso em: 10 jan. 2021.
- KUBITSCHEK, Juscelino. **A marcha do amanhecer**. São Paulo: Best Seller, 1962. 234 p.
- \_\_\_\_\_. **Meu caminho para Brasília**: 50 anos em 5. Brasília: Senado Federal, 2020. v. 3 (Edições do Senado Federal, v.

201-A-B-C)

\_\_\_\_\_. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975. 370 p.

MEDEIROS, Alan Rafael. **Não só de bossa vive um presidente**: a relação entre Dilermando Reis e Juscelino Kubitschek.

Universidade Federal do Paraná. IV Seminário de Pesquisa em Artes da FAP, Curitiba, 2009.

MENDES, Horácio. **Brasília e seus antecedentes**. Revista Brasília, Brasília, v. 4, n. 4, p. 30-43, abr. 1960. Disponível em:

<https://www.arquivopublico.df.gov.br/> Acesso em: 11 maio 2023.

MOREIRA, Roberto. Catetinho, 24 anos depois. **Boletim SPHAN**, Brasília, v. 7, p. 5-6, jul./ago. 1980

NERES, Manoel Barbosa. Quilombo Mesquita: história, cultura e resistência. Ocidental GO: Conquista, 2016.

NIEMEYER, Oscar. Minha experiência em Brasília. 4.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

NÓBREGA, Chico. Seo Luciano: um contador de histórias. **DF Letras**, Brasília, p. 3-6, set. dez. 1996.

PEREIRA NETO, Olímpio. A influência dos contos lendários nos nomes dos lugares do Distrito Federal. **DF Letras**, Brasília, v. 5, n.47/50, p. 26-28, abr. 1998.

PRATES, César. **Do Catetinho ao Alvorada**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

QUANDO adolescente, Zenaide Barbosa dos Santos serviu café em xícara roída a Juscelino Kubitschek: sua vida de menina é um retrato de como viviam os sertanejos do cerrado. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 mar. 2010. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/03/20/interna\\_cidadesdf,180949/quando-adolescente-zenaide-barbosa-dos-santos-serviu-cafe-em-xicara-roida-a-juscelino-kubitschek.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/03/20/interna_cidadesdf,180949/quando-adolescente-zenaide-barbosa-dos-santos-serviu-cafe-em-xicara-roida-a-juscelino-kubitschek.shtml). Acesso em: 10 fev. 2023.

SILVA, Elias Manoel da. O primeiro mapa do atual Distrito Federal no Planalto Central do Brasil: um ilustre desconhecido. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 3, **Anais**, Belo Horizonte MG, UFMG, 2016. Disponível em: [https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/6EliasSilva\\_3SBCH.pdf](https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/6EliasSilva_3SBCH.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança, uma realidade. 5. ed. Brasília, 2006.

SOUZA, Daiane. **Quilombola Mesquita é homenageado por participação na construção de Brasília**. 2012. Disponível

em: <https://www.palmares.gov.br/?p=19347>

TAMANINI, L. Fernando. **Brasília**: memória da construção. 2. ed. Brasília: Projecto, 2003.]

VASCONCELOS, Adirson. **Os pioneiros da construção de Brasília**. Brasília, 1992. (2 v.)

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília**: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Brasília: UnB, 2009.

### Jornais e Revista - Hemeroteca Digital Brasileira

ABREU, Sebastião de. Pelo Catete no Planalto: esquema de urbanização: No sítio da Fazenda Gama o Núcleo. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 14 jun. 1956.

ACHILLES, Aristeu. Rumo a Brasília. **O Semanário**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 55, abr. maio 1957.

AGRACIADOS recebem medalha no Buriti. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 15, 15 mar. 1974.

BOSCOLL, Ronaldo. Dois poetas cantam Brasília. **Manchete**, Rio de Janeiro, p. 41-45, 24 set. 1960

BRASÍLIA, cidade que veio da fazenda do Gama. **Última hora**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 abr. 1961.

CAETANO, Maria do Rosário. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 jan. 1985.

CATETINHO: marco de um Brasil no. **Manchete**, Rio de Janeiro, p. 134-139, 13 nov. 1971

CATETINHO está. **Correio Braziliense**, DF, p. 4, 25 ago. 1964.

CATETINHO será monumento nacional. **Última hora**, Curitiba, p. 11, 19 abr. 1960.

CATETINHO transferido ao patrimônio nacional. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 nov. 1959.

(NA) CIDADE de Diamantina, o presidente da República. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 6, 13 abr. 1958.

CONCLUÍDA a “Sinfonia de Brasília”: é a maior obra de Jobim e Vinicius. **Última hora**, Rio de Janeiro, p. 2, 12 dez. 1960.

CONFRATERNIZAÇÃO no Catetinho. **Última hora**, Rio de Janeiro, p. 4, 05 abr. 1960.

EM CONSTRUÇÃO no Planalto, o Núcleo Presidencial. **A Noite**, Rio de Janeiro, 25 jul. 1956.

ENTRE os dez primeiros homens para a construção de Brasília estava Osório Reis, o mordomo. **Correio Braziliense, Brasília,**

21 abr. 1960.

(A) FUTURA Capital: na Fazenda Gama. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 out. 1956.

JK prestigiou o “Dia da Criança”. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 147, p. 8, 13 out. 1960a

JK sairá do Catetinho para a festa da inauguração: a primeira casa da Novacap será monumento. **Última hora**, Rio de Janeiro, p. 6, 19 abr. 1960b

LUSIÂNIA: trampolim da nova capital. **A Noite**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1956.

MATOS, Edísio Gomes de. Dolores foi cozinheira do presidente e hoje vive de fazer doces e salgadinhos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 set. 1960, p. 7

MAURÍCIO, Jayme. Viagem a Brasília: tema de prancheta que tentam precipitar: Uma casa em 6 dias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 nov. 1956.

MAURO, José. Violão que entrou para a história. **Última hora**, Rio de Janeiro, 9 maio 1960.

MENDES, Horácio. Brasília e seus antecedentes. **Revista Brasília**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 30-43, ano 4, abr. 1960.

MOREIRA, Roberto. Catetinho, 24 anos depois. **Boletim SPHAN**, Brasília, v. 7, p. 5-6, jul./ago. 1980

MOREL, Mario. Manchete voa na pista de Craveiro: O general comeu perdiz de Brasília. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 271, p. 74, 29 jun. 1957.

NIEMEYER constroi no Brasil Central. **Manchete**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1956.

NUNES, Marcus Vinicius B. No Catetinho, a “real” história de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 20, 19 set. 1976.

(A) OCA fará a 1ª decoração de Brasília. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 out. 1956.

OSANAR. Impressões de um repórter: Brasília. Escreveu Osanar. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 08 set. 1957.

PINHEIRO JR. A verdade sobre Brasília: epopeia que lembra as pirâmides do Egito. **Última hora**, Rio de Janeiro, p. 13, 30 dez. 1958.

\_\_\_\_\_. Boêmios errantes fizeram a epopéia dos dez primeiros dias de Brasília. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 13, 31 dez.

1958.

PORTELA, Cristiane A.; FRANCA, Guilherme A. **Exposição Brasília de Madeira**: memória da construção do Catetinho. Brasília: ArPDF, 2012. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Exposição com temática de pesquisa histórica).

POSTO de escuta. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 250, 02 fev. 1957.

PRIMEIRO trabalhador braçal de Brasília nasceu em Vila Isabel: Agripino Pereira Lina. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 15, 21 abr. 1960.

(O) QUE se diz. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 25 mar. 1960.

RONEK, Antonio; TOROK, George. Na rota de Craveiro. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 13 jul. 1957.

TROPIA, Bruno. Niemeyer em madeira. **Correio Braziliense**, Brasília, 29 nov. 2010.

VALDIRA, Maria. Catetinho 2. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 abr. 1975, p. 7.

## SOBRE A AUTORA



### Artani Grangeiro da Silva Pedrosa

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás (PROMEP/UEG) na Linha de Pesquisa Educação Patrimonial e Gestão do Patrimônio. Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

Especialista em Museografia e Patrimônio Cultural e em Docência do Ensino Superior. Graduada Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Servidora de carreira desde 2009 na Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF como Gestora em Políticas Públicas e Gestão Governamental - Especialidade Biblioteconomia, e desde 2019 ocupa o cargo de Gerente do Museu do Catetinho.

Nascida no Gama, Distrito Federal. Primogênita de quatro filhos de uma família vinda do Vale do Piancó, sertão paraibano. Casada e mãe de dois rapazes. Coursou a vida escolar na rede pública de ensino. Apaixonada por livros, histórias e estórias.

Gerência Museu do Catetinho

**Sinta-se à vontade para entrar**

**em contato com a autora:**

artanigrangeiro@gmail.com

catetinho@cultura.df.gov.br

Para acessar o currículo Lattes de Artani Grangeiro da Silva Pedrosa, posicione seu celular no **QR Code** ao lado ou, **clique aqui** e confira.



## Gerência Museu do Catetinho

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL - GDF

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA - SECEC

SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL - SUPAC

COORDENAÇÃO DE MUSEUS E PATRIMÔNIO - CMP

GERÊNCIA DO MUSEU DO CATETINHO - GMCAT

### Gerente do Museu do Catetinho

Artani Grangeiro da Silva Pedrosa

### Gestora em Políticas Públicas e Gestão Governamental

Gisele Pires da Silva Araújo

### Auxiliar de Atividades Culturais

Antonio Pereira Linhares

### Projeto Territórios Culturais Parceria SECEC e SEEDF

Ramon Ribeiro Barroncas

### Estagiárias de história

Letícia Oliveira Pena / Thaivone Sousa dos Santos

### Jovens Aprendizes

Maria Victória Magalhães / Yasmin Gabrielle Caldeira

### Equipe de Limpeza e Conservação

Marcelo Borges / Márcia Albuquerque / Sandra Telma / Wendel Honorato

### Equipe de Vigilância Patrimonial

Damião Rodrigues de Brito/ Eraldo de Jesus Maciel/ Erivelto Antonio de Oliveira/ Flávia Marcelina Faleiro/ Jorge Luis do Nascimento/ Juvenal Aragão Pereira/ Luís Clauber Soares/ Marcos Paulo Lopes/ Marcus Vinicius/ Matheus Pereira/ Paulo Helder Lucena / Reginaldo Gomes de Araújo

(Informações atualizadas em novembro de 2023)

